

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ESCOLA POLITÉCNICA

Curso de Design

Pâmella Ribeiro Ignácio

CORPOS ENCENADOS:

Representação de mulheres com deficiência na mídia

GOIÂNIA

2022

Pâmella Ribeiro Ignácio

CORPOS ENCENADOS: representação de mulheres com deficiência na mídia

Trabalho de conclusão de curso para obtenção de nota parcial na disciplina Trabalho de conclusão de curso II do curso de Design da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GOIÁS), sob orientação da Prof^a. Ms. Ana Paula Neres de Santana Bandeira.

GOIÂNIA

2022

Pâmella Ribeiro Ignácio

CORPOS ENCENADOS:

Representação de mulheres com deficiência na mídia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Design, da Escola de Artes e Arquitetura da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do título de Graduação em Design.

Goiânia, 15 de Junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Me. Ana Paula Neres de Santana Bandeira

Prof^a. Dra. Vanessa Helena Santana Dalla Déa

Prof^a. Me. Genilda da Silva Alexandria Sousa

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, meus exemplos de determinação, que me apoiaram e proporcionaram a oportunidade de fazer o curso que amo. Em especial, agradeço à minha irmã e mãe, por sempre estarem ao meu lado incentivando meus sonhos, pelo companheirismo e os conselhos, deixando essa jornada tão leve e prazerosa. Aos amigos que estão ao meu lado torcendo pelo meu sucesso. As mulheres desse projeto, que me concederam suas experiências de vida permitindo que eu participasse de suas histórias. Agradeço à minha orientadora Ana Paula, a qual sempre admirei, e foi uma grande orientadora, professora e amiga nesse processo. Agradeço a todos os professores do curso que me ajudaram no conhecimento adquirido até aqui. Agradeço aos participantes desse projeto, e ao Sérgio, pela paciência e ajuda com o projeto.

Muito obrigada e amo vocês.

“Toda diferença é uma semelhança também.”

- Diane Arbus

RESUMO

O presente trabalho pretende discutir a idealização da imagem de um corpo padronizado, partindo para uma análise acerca das narrativas visuais usadas pela mídia por meio de uma contextualização histórica, para retratar o corpo feminino com deficiência e, a influência da mesma sobre a construção do imaginário social. Para a partir disso, construir por meio de estratégias do Design um projeto que permita atribuir importância à história de corpos dissonantes, colaborando para que essas mulheres com deficiência tenham a oportunidade de participar da construção da imagem de seus corpos e dar significado às suas próprias histórias.

Palavras-chaves: Corpo, representação, identidade, mulheres com deficiência, mídia.

ABSTRACT

The present work intends to discuss the idealization of the image of a standardized body, starting with an analysis of the visual narratives used by the media through a historical contextualization, to portray the disabled female body and its influence on the construction of the imaginary. Social. From this, to build through Design strategies a project that allows to attribute importance to the history of dissonant bodies, collaborating so that these women with disabilities have the opportunity to participate in the construction of the image of their bodies and give meaning to their own stories. .

Keywords: Body, representation, identity, women with disabilities, media.

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) Pâmella Ribeiro Ignácio estudante

do Curso de Design, matrícula 20191004200240,

telefone: (62)98415-9853, e-mail pamellaignacio@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Corpos encenados: representação de mulheres com deficiência na mídia

_____, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SNS); Video (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 10 de Março de 2022.

Assinatura do(s) autor(es):

Pâmella R. Ignácio

Nome completo do autor:

Pâmella Ribeiro Ignácio

Assinatura do professor- orientador:

Ana Paula Neres de Santana Bandeira

Nome completo do professor-orientador:

Ana Paula Neres de Santana Bandeira - Mat: 17498

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Obra “ <i>Os Condenados ao Inferno</i> ”, Luca Signorelli (c.1445 – 1523)	15
Figura 2: Obra “ <i>O Jardim das Delícias Terrenas</i> ”, Hieronymus Bosch (1450-1516)	16
Figura 3: Obra “ <i>O sono</i> ”, Salvador Dalí (1937)	16
Figura 4: Cenas “ <i>VESÚVIO / VESUVIUS</i> ”, Grupo EmpreZa (2015)	18
Figura 5: Obra “ <i>Laocoön e seus filhos</i> ” (140 a.C. – 37 d.C.)	20
Figura 6: Obra “ <i>Vênus de Milo</i> ”, Alexandre de Antioquia (4 aC.)	20
Figura 7: Obra “ <i>Imperador Carlos V.</i> ”, Pantoja de la Cruz, Juan (1605)	21
Figura 8: Fotografia de Eadweard J. Muybridge, <i>Woman Dancing</i> (1887)	23
Figura 9: Fotografia de Étienne-Jules Marey	23
Figura 10: Obra “ <i>Les Demoiselles d'Avignon</i> ”, Pablo Picasso (1907)	24
Figura 11: Obra “ <i>Nu descendant un diner</i> ”, Marcel Duchamp (1912)	24
Figura 12: Fotografia do Balé Triádico da Bauhaus, Oskar Schlemmer (1922)	25
Figura 13: Fotografias de Arthur Fellig, Weegee	25
Figura 14: Obra “ <i>A Parábola dos Cegos</i> ”, Pieter Bruegel, o Velho (1568)	30
Figura 15: Campanha publicitária da Skol	34
Figura 16: Capa da revista DeMillus	35
Figura 17: Capa da revista Manchete com a “Garota de Ipanema”	36
Figura 18: Capa da revista Playboy com Farrah Fawcett	37
Figura 19: Leandrinha DuArt, 27 anos	38
Figura 20: Pequena Lo, 26 anos	38
Figura 21: Cena do filme, <i>Colegas</i> (2012)	39
Figura 22: Cena do filme, <i>The Fundamentals of Caring</i> (2016)	40
Figura 23: Fotografia de Richard Phibbs, Catálogo da ESPN “ <i>The body Issue</i> ” (2019)	41
Figura 24: Fotografia da ex-presidenta Dilma Rousseff ao lado de Renan Calheiros e Eduardo Cunha	45
Figura 25: Simulação de um Tribunal do Júri e sua organização teatral	46

Figura 26: Mapa mental bibliográfico	51
Figura 27: Levantamento fotográfico Diane Arbus	52
Figura 28: Gerenciamento de entrevistas	53
Figura 29: Roteiro de perguntas	54
Figura 30: Agenda acompanhamento da rotina	56
Figura 31: Fotografias das entrevistadas	57
Figura 32: Rascunho inicial do livro experimental	58
Figura 33: Paleta de cores	58
Figura 34: Desenvolvimento final do projeto	59
Figura 35: Diagramação	60
Figura 36: Projeto final	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. BELO E GROTESCO COMO CATEGORIA ESTÉTICA: A IDEALIZAÇÃO DO “BELO”	14
1.1. O surgimento do grotesco e suas representações através do tempo	15
2. BREVE CONTEXTO DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO CORPO	19
2.1. Visão do corpo pela sociedade ao longo do tempo	19
2.2. A (in)visibilidade do corpo com deficiência na história	28
3. A MÍDIA E A INFLUÊNCIA NA IMAGEM DO CORPO	30
3.1. Culto ao corpo e o surgimento de mecanismos de aperfeiçoamento nos espaços de prática corporal	31
3.2. (Re)produção de imagens e a insatisfação corporal	31
3.3. O impacto da Internet e influenciadores na identidade das mulheres	33
3.4. Retratações do corpo feminino na mídia ao longo do tempo	34
4. MULHERES COM DEFICIÊNCIA NA MÍDIA, UMA ANÁLISE A PARTIR DAS RETÓRICAS VISUAIS DE GARLAND-THOMSON	39
4.1. Retóricas visuais como parte da fachada social e o imaginário coletivo	42
4.2. Representatividade e identidade das mulheres com deficiência	46
4.3. Canônico e dissonante como conceito corporal	49
5. INDICATIVOS DE PROJETO	50
5.1. FASE INICIAL DOS INDICATIVOS DE PROJETO	50
5.2. ESTÉTICA E REFERÊNCIAS VISUAIS	51
5.3. PRODUÇÃO GRÁFICA DO LIVRO EXPERIMENTAL	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
8. APÊNDICE	67

INTRODUÇÃO

No desenvolvimento da presente pesquisa examinam-se em um primeiro momento a cronologia da construção social da imagem do corpo e o ideal de beleza. Tendo em vista que, a cultura normativa de maneira preconceituosa e excludente designa a imagem do corpo canônico como ideal e desejável, enquanto os corpos dissonantes, exemplarmente ilustrado por pessoas com deficiência, são tidos como aqueles que são indesejáveis, representados sob a configuração de espetáculo, os estigmas sociais vivido por mulheres com deficiência influenciam na percepção de si mesmas. Pensando nisso, buscou-se investigar as retóricas visuais utilizadas por meios midiáticos, baseado na teoria feminista sobre deficiências de Rosemarie Garland-Thomson e abordar conceitos como representatividade, identidade, imaginário social, pertencimento e o conceito de fachada social do antropólogo Erving Goffman.

Pretende-se discutir a construção do imaginário sobre corpos canônicos e dissonantes, através de recortes imagéticos de representações do corpo na mídia, com o objetivo de verificar o modo como o meio midiático representa o corpo da mulher com deficiência e, romper com o estereótipo da imagem do corpo. Dessa forma, o projeto aborda questões como corpo, imagem e representação para investigar as raízes históricas da relação entre esses três elementos. Motivada a ressignificar a imagem das mulheres com deficiência, entrevistas foram realizadas, assim como, a proposta de um registro fotográfico pelas mulheres para transfigurar suas experiências e visões.

O primeiro capítulo do TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, realiza uma reflexão sobre a idealização do conceito de belo e, como o grotesco estreita a concepção de beleza, comprovando por meio da arte da coexistência dos dois. Em seguida, o segundo capítulo contextualiza brevemente a visão do corpo pela sociedade, trazendo para a discussão uma análise da história do corpo com deficiência. Para tanto, o terceiro capítulo explora ferramentas e artifícios que colaboram com o discurso normativo de corpos, assim como a ação das mídias no que diz respeito à questão de identidade e pertencimento, além da demonstração ilustrada das representações do corpo feminino ao longo dos séculos. O quarto capítulo aborda importantes definições sociais, que contribuem para a conceituação do projeto final voltado às narrativas visuais de mulheres com deficiência.

No intuito de alcançar maior debate para a temática e a representatividade de mulheres com deficiência, o trabalho finaliza com a apresentação e desenvolvimento de um projeto gráfico para um livro experimental, contendo entrevistas com quatro mulheres com deficiência, as quais possibilitaram realizar uma experiência visual e verbal no projeto, com intuito de narrar as histórias de vida, experiências e percepções de Ana Beatriz, Helaine, Luana e Tálita como as protagonistas desse projeto experimental. Através da fotografia, buscou-se soluções visuais capazes de apresentar a imagem dessas mulheres e atribuir importância a uma perspectiva comum e cotidiana, demonstrando a possibilidade de múltiplos olhares e transformando as histórias e imagens em narrativas significativas.

1. BELO E GROTESCO COMO CATEGORIA ESTÉTICA: A IDEALIZAÇÃO DO “BELO”

Os discursos em torno do corpo tornaram-se relevantes à medida que o indivíduo começa a se preocupar com a saúde e com a integridade física. Todavia, o que de fato ganha espaço e repercussão midiática quase sempre está relacionado apenas a padrões de aparência. Anteriormente, verificou-se a predileção do homem em admirar o belo. O filósofo alemão Immanuel Kant, fundador da nova teoria do conhecimento, chamada idealismo transcendental, pretendia ressaltar que o julgamento estético e teleológico unem nossos julgamentos morais e empíricos, deste modo o sentimento de prazer só é proporcionado por coisas belas, e esse específico modo pode ser encarado como uma espécie de juízo de gosto:

“[...] o que chamamos de belo se funda no gosto e é um juízo reflexivo estético. O gosto diz respeito ao sujeito e sua capacidade de julgar sobre o que lhe é dado, quando o que é dado produz o sentimento de prazer.” (MATTOSO, 2011, p.24)

Ao verificar a característica fundamental do juízo de gosto, a fim de descobrir porque definimos um padrão como beleza universal, presume-se que o prazer estético se dá pela assimilação da forma, ressaltando a harmonia, proporção e organização. Entretanto, da mesma forma que o belo vem permeando critérios da vida em sociedade durante séculos, simultaneamente a admiração pelo feio, estranho, fantástico, trágico, cômico e até mesmo o grotesco também se mostram presentes. Por sua vez a subversão de gosto estético, qualidade do grotesco, é definida por Rossi (2016) como “uma referência a formas, sejam elas vegetais, animais e humanas que se combinam de modo fantástico, incomum ou anormal.”

A obra “*Os Condenados ao Inferno*” do pintor italiano Luca Signorelli (c.1445 – 1523) é uma das provas de coexistência do belo e do grotesco. A pintura que representa o Juízo Final (Evangelho de Mateus, 25: 31-46) a princípio, incomoda pela quantidade de elementos diversos. O pintor recorre a um cenário trágico e desordenado, indicado pela massa de humanos nus e contorcidos em gestos que exprimem grande desespero. Alguns estão sendo puxados, outros amarrados, dentre outros tipos de tortura física, particularidades da categoria grotesca. Ao mesmo tempo, a pintura é cheia de técnica derivada do movimento renascentista. Signorelli explora uma infinidade de posições do corpo humano se tornando mestre na representação da geometrização exata do corpo humano, além de mostrar uma predileção as figuras nuas,

lembrando a escultura de época; característica marcante do renascentistas que valorizavam ordem e harmonia, e dos gregos que retratavam o corpo humano com extrema proporção.

Figura 1: Obra “*Os Condenados ao Inferno*” do pintor italiano Luca Signorelli (c.1445 – 1523)



Fonte: wahooart.com

1.1. O SURGIMENTO DO GROTESCO E SUAS REPRESENTAÇÕES ATRAVÉS DO TEMPO

Segundo Kayser (1986) a primeira vez em que o termo “grotesco”, anteriormente, “La grottesca”, surgiu foi durante a renascença, para designar uma “espécie de ornamentos, encontrados em fins do século XV, no decurso de escavações feitas primeiro em Roma e depois em outras regiões da Itália.” (KAYSER, 1986, p.17-18). Os ornamentos das grutas pertenciam a um estilo jamais visto, onde figuras humanas se mesclavam a galhos de árvores, flores e partes de animais, aspectos fantásticos e alegres, combinação angustiante e sinistra. Alguns pintores da época começaram a expressar o estilo grotesco em suas pinturas. Hieronymus Bosch (1450 - 1516) pintor holandês, foi um desses. Retratava cenas de pecado e tentação, recorrendo à utilização de figuras simbólicas complexas, originais, imaginativas e caricaturais, muitas das quais eram obscuras. Os pintores alemães como Martin Schongauer, Matthias Grünewald e Albrecht Dürer influenciaram a obra de Bosch.

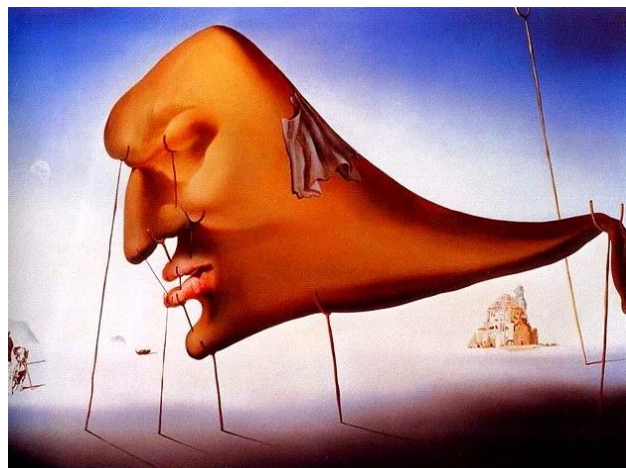
Figura 2: O tríptico O Jardim das Delícias Terrenas, obra mais famosa do holandês Hieronymus Bosch (1450-1516)



Fonte: veja.abril.com.br

Pouco tempo depois, no século XVI, principalmente, em países do norte da Europa, o grotesco é definido como uma mistura do humano com o animalesco/monstruoso, ou “*sogni dei pittori*”, em tradução, “sonho de pintores”, algo que ultrapassa a realidade, apresentando ao mundo criações da imaginação dos pintores. Essa definição inspirou um dos movimentos artísticos mais famosos durante as vanguardas: surrealismo; representação do mundo dos sonhos, junto ao grotesco de aspecto nebuloso, disforme, absurdo, alheado e desconectado, a representação de um pesadelo. Salvador Dalí (1904 - 1985) importante pintor catalão, ficou conhecido por explorar aspectos pictóricos que chamam a atenção pela combinação de imagens bizarras, como nos sonhos.

Figura 3: “O sono” obra do pintor Salvador Dalí, pintada em 1937.



Fonte: cultura genial

Segundo Kayser (1986) o grotesco pode ser entendido em três domínios:

“o processo criativo, a obra e a sua recepção o que indica que o conceito encerra o instrumento necessário para ser uma categoria estética. [...] o grotesco só é experimentado na recepção e é perfeitamente concebível que seja recebido como grotesco, algo que na organização da obra não se justifica como tal. O grotesco [...] é uma estrutura; é o mundo tornado estranho, ou seja, o que é conhecido e familiar, de repente, se revela estranho e sinistro. O repentino e a surpresa são partes essenciais do grotesco. O mundo estranho não nos permite uma orientação, aparece como absurdo.” (KAYSER, 1986 apud ROSSI, 2016, p.182).

A partir do século XVII, a palavra toma proporções classificatórias diferentes, “de um substantivo com uso restrito à avaliação estética de obra-de-arte, torna-se adjetivo a serviço do gosto generalizado, capaz de qualificar [...] figuras da vida social como discurso, roupas e comportamentos.” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 30) Desse modo, assim como esclarecido por Kayser (1986), definiu a categoria estética de algo apenas em um simples olhar; o mesmo acontece na esfera social. Em um primeiro olhar, aquilo que foge da realidade causa estranhamento. Mas qual realidade é essa: a que construímos ou a que percebemos? A aversão com o diferente e disforme é uma construção do olhar; o grotesco existe na natureza e no mundo à nossa volta e deve ser considerado.

Já no século XIX, o grotesco como categoria estética começa a ser notado em outras manifestações sociais, mesmo indo contra a estética classicista. Vitor Hugo, escritor do Romantismo, foi o principal responsável pelo ingresso da categoria do grotesco no domínio da estética culta. Para Hugo, o conceito entende-se como “sublime” algo que “direciona o olhar para um mundo mais elevado, sobre-humano.” (NASCIMENTO, 2008, p.43) O escritor também previu a chegada do Modernismo continuidade do Romantismo, anunciando a rejeição do tradicionalismo e oposição harmoniosa de forma, valorizando uma realidade natural e não idealizada. Rossi (2016) esclarece a predominância do grotesco na arte e literatura, encenando combinações com o real e diverso e, ocasionando a destruição da ordem normal. Contribuição para o distanciamento da “normalidade” para alcançar a quebra da realidade eterna e imutável, segundo Sodré e Paiva (2002):

“Grotesco é a sensibilidade espontânea de uma forma de vida. É algo que ameaça continuamente qualquer representação (escrita, visual) ou comportamento marcado pela excessiva idealização. Pelo ridículo ou pela estranheza, pode fazer descer ao chão tudo aquilo que a ideia eleva alto demais.” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p.39).

A partir disso, o grotesco passa a se difundir cada vez mais em elementos da sociedade. Representado por séculos, com ou sem legitimidade, principalmente em textos e imagens, na atualidade, o grotesco atua principalmente nos meios de comunicação de massa. A televisão provavelmente seja o meio onde encontrou e encontra a maior possibilidade de expressão do grotesco, devida sua ampla visibilidade às cenas degradantes, vergonhosas e humilhantes de alguns programas de auditório e reality shows. A arte contemporânea, por sua vez, levou a extremos não só o retrato do grotesco, mas a sua realização em performances frente ao excesso de encenações brutais e obscenas, utilização de materiais fora do convencional e até repugnantes.”

Figura 4: Cenas “*VESÚVIO / VESUVIUS*”, #1 Serão Performático (2015), performance documental, Grupo EmpreZa.



Fonte: Imagens obtidas no google. Disponível em www.grupoempreza.com

A busca pelo "belo" nas representações corporais nos diversos suportes midiáticos tem sua base nas distintas expressões artísticas, no entanto o "grotesco" enquanto expressão artística também está presente nessa trajetória, ora como aquele que não sabemos direito o que dizer sobre ele em função de sua "diferença" enquanto aquilo que difere do padrão, ora nos fascina

pela incompreensão de nossos olhares que vêm carregados de uma representação estruturada em padrões estéticos únicos.

2. BREVE CONTEXTO DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO CORPO

O corpo em cena não é apenas uma característica da nossa época, pelo contrário, as rápidas e constantes transições da humanidade, como a globalização, por exemplo, resultaram numa profunda mudança sobre os modos de se pensar o corpo. Desse modo, desde o período pré-histórico até os dias atuais, o homem vem construindo diferentes olhares sobre si e, a respeito de sua aparência no que diz respeito aos aspectos físicos, não foi diferente. A história do corpo é marcada por inúmeras transformações, provenientes das mudanças de discurso que foram surgindo diante das influências sociais, culturais, políticas e científicas. Assim como Fontes (2006) afirma, "Pode-se dizer que, de modo panorâmico, ao longo do século XX, o corpo passa por três estatutos culturais básicos: o corpo representado, visto e descrito pelo olhar do outro, da igreja, do estado, do artista.". Dessa forma, durante a história da civilização, diferentes padrões estéticos foram moldados, garantindo ao homem referências corporais para desenvolver aspectos padrões de um indivíduo pertencente a uma coletividade.

2.1. VISÃO DO CORPO PELA SOCIEDADE AO LONGO DO TEMPO

De acordo com as pesquisas realizadas por Barbosa, Matos e Costa (2011) na Antiguidade Clássica, por exemplo, a busca pelo desenvolvimento intelectual, assim como, alcançar a perfeição física, eram de extrema importância para os Gregos. Entretanto, ao contrário do que se pensa, Richard Sennett (2001), historiador norte-americano, explica que a beleza estava representada no corpo masculino, ao invés do corpo feminino. A beleza era qualidade de um corpo politizado, e nessa época, apenas o homem rico, másculo e grego tinha direito à cidadania e fazia parte da política. O corpo masculino era completamente idealizado, treinado para alcançar sua melhor forma e configurado como objeto de admiração, que deveria ser modelado e exposto nu (figura 5). Nessa época também, valorizava-se os esportes, como forma de celebrar a capacidade de atingir saúde e a perfeita performance atlética do corpo humano.

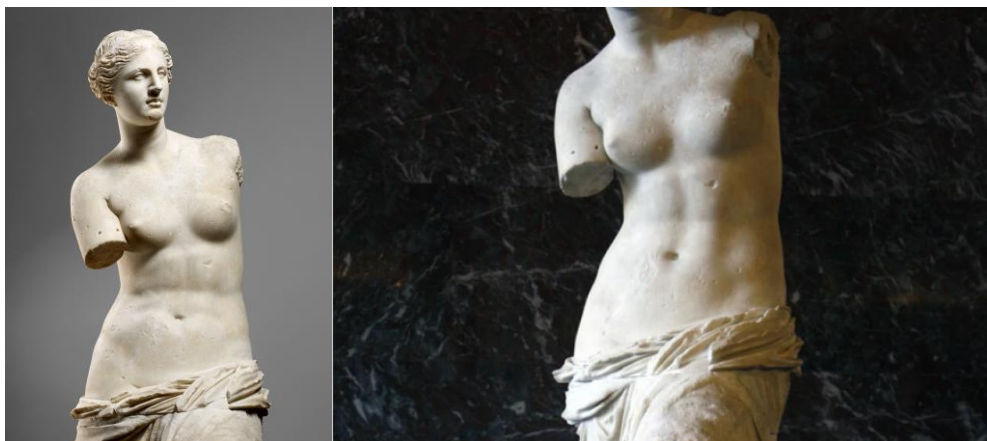
Figura 5: Escultura *Laocoön e seus filhos* (140 a.C. - 37 d.C. A).



Fonte: Stringfixer.com

O corpo feminino por outro lado, era “representado próximo ao padrão masculino, com poucas curvas, braços e pernas fortes, o rosto sereno ou mesmo inexpressivo (figura 6). Pouco se sabe como as mulheres gregas viam-se a si mesmas e se as esculturas femininas lhes serviam de padrão de beleza a ser seguido”. (DOMINGUES, 2015) Toda a herança cultural deixada pelos gregos, principalmente na pintura, escultura e arquitetura, somado aos valores da época influenciaram as civilizações ocidentais, sobretudo, na concepção de beleza - proporção e harmonia - motivo pelo qual, ainda hoje, mantemos estereótipos estéticos que acabam por contemplar um grupo específico.

Figura 6: Vênus de Milo de Alexandre de Antioquia (4 aC.).



Fonte: Imagens obtidas no google.

Outro caminho para compreendermos a construção da imagem corporal na sociedade é a relação de poder nestes cenários. Segundo Vigarello, historiador e sociólogo francês, pesquisador de campos relacionados a sociologia do corpo e suas representações ao longo dos séculos, descreveu em seu livro “História do Corpo” que, durante a monarquia, inevitavelmente, a figura do rei foi associada a um corpo idealizado. A vertente física do monarca representava força e beleza, sendo capaz de garantir o domínio sobre seus súditos e superioridade com relação à coletividade. Vigarello afirma, “ao mesmo tempo que o rei é um “corpo natural” (VIGARELLO, 2017, p.511), constituído de membros naturais, exposto às fraquezas e defeitos como todos os outros, ele também é um “corpo político” (VIGARELLO, 2017, p.509), no qual seus membros são os súditos e juntos formam o “corpo-nação” (VIGARELLO, 2017, p.509). O autor explica que o conceito ficou conhecido como “duplo corpo real: bicorporeidade” (VIGARELLO, 2017, p.511) e assim, ele dá continuidade política a uma “pessoa fictícia” (VIGARELLO, 2017, p.512) através de dispositivos simbólicos que colaboram para a permanência dessa imagem.

Os textos medievais exaltavam a fisionomia do rei, atribuindo qualidades excepcionais e privilegiadas; assim como, os retratos que acentuam a corpulência, alta estatura, força e beleza. Carlos V (figura 7) foi retratado por Christine de Pisan como “busto alto e bem-feito; as costas bem-desenhadas e largas, e o talhe esguio. Seus braços eram fortes e seus membros eram perfeitamente proporcionais. A configuração de seu rosto era perfeitamente bela. [...] Sua frente era alta e larga, as sobrancelhas espessas, os olhos oblongos e bem abertos...”. (VIGARELLO, 2017, p.503).

Figura 7: Imperador Carlos V. Obra de Pantoja de la Cruz, Juan (1605)



Fonte: Imagens obtidas por meio de levantamento no google.

Dessa forma, a imagem do monarca afirma sua autoridade e mantém um princípio absoluto, perpétuo e supremo que atravessa a história, dando “um alicerce figurativo para concretizar o imaterial” (VIGARELLO, 2017, p.507). As narrativas criadas na época colaboraram para firmar a influência de indivíduos dentro de um determinado escopo social, baseado apenas em características corporais e posição de poder. Em outras palavras, até os dias atuais, o espaço de fala é reservado àqueles que têm corpos idealizados e evidenciados pela mídia, enquanto ao que os corpos não atendem os padrões, lhes faltam representatividade.

Ainda sobre a percepção do corpo ao longo do tempo, na Renascença, movimento cultural influenciado pela estética da antiguidade clássica, que se inicia no fim da Idade Média e avança pelo início da Idade Moderna, o homem ganha ainda mais destaque. Nesse período houve uma importante e significativa movimentação da consciência coletiva que mudou o lugar do homem no mundo, incentivando a visão humanista com enfoque em suas realizações. Dessa forma, surge interesse pelo conhecimento do corpo e seu funcionamento, esse passa a ser visto e apreciado como fonte de beleza e, a forma como é representado, também apela para a estética do “belo”, relacionada ao prazer proporcionado pela a ordem, a harmonia e a simetria, um padrão que rejeita desordem, defeitos e imperfeições. Os artistas renascentistas, no final do século, usavam da pintura, do desenho e da escultura para representações do corpo, prática que escoava sobre o aspecto da anatomia.

Como herança do pensamento renascentista, em que se evidencia e estuda o homem, na contemporaneidade o corpo é pensado como um mecanismo constituído de princípios criados para garantir seu bom funcionamento. Nesse cenário, predomina a busca pela saúde, beleza e até mesmo pela juventude. Gradualmente, o homem se tornou refém do saber médico e suas descobertas, promessas de reconstruir, controlar e prever os anseios através de intervenções da ciência, buscando dominar os fenômenos do tempo sobre o corpo. Dessa forma, assim como Dantas afirma “a relação com nosso corpo parece estar sendo radicalmente modificada pelo fácil acesso a diversos recursos ligados à boa forma, criando certa exaltação e supervalorização do corpo” (DANTAS, 2021, p.900) e a preocupação do homem em manter sua aparência física vem sendo nutrida por artifícios presentes no mercado, como, dietas, exercícios físicos, cirurgias plásticas e tratamentos estéticos.

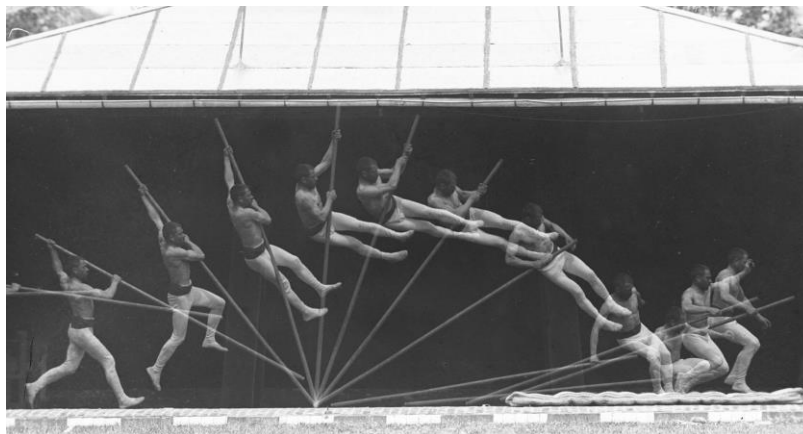
Na transição do renascimento para o contemporaneidade, captar os corpos nus, segundo o filósofo francês, Yves Michaud (2019), em seu livro “A presença do corpo clássico em manifestações da arte e da cultura contemporâneas” significava “vesti-los como mandavam as circunstâncias da cena ou da ação.” (p.541). Nas artes a percepção de corpo é abalada quando surge a fotografia por volta de 1840 - 1860, que acabou por instaurar uma nova técnica de retratação, visto, por exemplo, nas fotografias científicas e documentárias de Muybridge e Marey (Figura 8 e 9).

Figura 8: Fotografia de Eadweard J. Muybridge, Woman Dancing (Fancy), 1887.



Fonte: MoMa

Figura 9: Fotografia de Étienne-Jules Marey



Fonte: ims.com

A fotografia permitiu captar imediatamente o “instante, portanto o movimento” (MICHAUD, p.542) sem recorrer aos ateliês de pintura. Apesar de seu surgimento desqualificar a pintura, artistas como Picasso e Duchamp reinventaram o modo de representar o corpo, como nas obras *Les Femmes d'Alger* e *Nu descendant un diner* (Figura 10 e 11). Tempo depois, mais precisamente no final do século XIX, Duchamp e outros artistas, acabam impondo o estilo

gráfico e cinematográfico sobre a pintura. Para Michaud (2019):

“Uma nova lógica da representação fragmenta a figura que vai quase de imediato ser recomposta em um contínuo de formas em movimento. E isso põe também em questão a identidade das coisas e, mais profundamente, do próprio sujeito: o caráter substancial dos corpos se refletia na estabilidade da representação. De agora em diante, não há mais substância, mas fragmentos e sequências. (MICHAUD, 2019, p.54)

Figura 10: Pintura Les Femmes d'Alger (O Versão O) de Pablo Picasso, 1907.



Fonte: MoMa

Figura 11: Pintura Nu descendant un diner de Marcel Duchamp, 1912.



Fonte: Medium

Seguindo, na modernidade, uma das maiores preocupações do indivíduo é a própria aparência, principalmente com o surgimento da fotografia. Os métodos utilizados para atingir o padrão, jamais foram tão invasivos. Ao contrário do que se imagina, no início o recurso fotográfico, não esteve a serviço da arte. O meio de observação concedeu um duplo conhecimento do corpo, seja para investigação científica de sua performance, seja para o conhecimento documental de doenças e métodos de tratamento. Entretanto, para Michaud (2019) a arte apodera-se dessa técnica e também desenvolve um duplo registro. O primeiro registro é o da mecânica perfeita, produções encontradas no futurismo, por exemplo, e mais tarde na Bauhaus (Figura 12). O segundo registro é o do estigma e da doença, dando um significado simbólico a devastação da guerra e a decadência humana. Em 1910 a decomposição mecânica dos movimentos alcança os cinemas, e pouco tempo depois, o fotojornalismo em 1920, como visto pelo ícone trágico Weegee, que inaugura os "fatos do dia." (Figura 13), posteriormente, usado para retratar, não apenas a vida cotidiana, mas também a arte, a partir do surrealismo.

Figura 12: Fotografia do Balé Triádico da Bauhaus. Triadisches Ballett, foi desenvolvido por Oskar Schlemmer em 1922



Fonte: Isso compensa

Figura 13: Fotografias de Arthur Fellig, Weegee, fotógrafo norte-americano





Fonte: Imagens obtidas no google.

Ainda sobre a perspectiva do segundo registro, pintores realistas e surrealistas se aproveitam dos documentos fotográficos de doenças, malformações e monstruosidades¹ para suas obras, enquanto o cinema e a fotografia exploram a encenação, montagem, maquiagem, artifícios visuais e a filmagem de corpos ao natural.

“Esses aparelhos permitem que se vejam novos aspectos do corpo [...]. Tornam-se novas extensões, próteses ou órgãos do corpo, inclusive no sentido de corpo social: aparelho fotográfico, a câmera de vídeo, inicialmente em espelho ou ao cineasta, passam às mãos do turista e, enfim, às mãos de todo mundo. São olhos a mais para verem e se verem”. (MICHAUD, 2019, p.546)

À medida que, no lugar da virtualidade moral, o homem passou a buscar qualidade de vida, referente à longevidade, boa forma e juventude, segundo Garcia (2005), o corpo torna-se o foco determinante que instaura a identidade cultural pós-moderna. Nesse contexto, um modelo corporal midiaticizado é incessantemente imposto a todos e, o sinônimo de felicidade plena é alcançá-lo. Ao mesmo tempo em que a ciência avançou possibilitando uma vida mais longa e produtiva, ela também gerou inúmeras insatisfações com o próprio corpo e suas particularidades, figurando-as até como defeito. O século XX, intensifica a experimentação de técnicas e instrumentos para facilitar a visualização do corpo. Como descrito por Michaud (2019), o uso dos instrumentos de visualização do corpo torna-se indiscriminável e até invasiva, “põem o corpo a nu no sentido próprio e no figurado, inclusive no seu interior. Elas o perseguem até o mais íntimo.” (MICHAUD, 2019, p.546)

¹ Termo utilizado pelo autor: Michaud

Para Michaud (2019), o imaginário do corpo na arte do século XX, é organizado em três registros: “o corpo mecanizado, o corpo desfigurado, e o corpo da beleza.” (MICHAUD, 2019, p.547) O primeiro, corpo mecanizado, refere-se à cultura do esporte e da ginástica, assim como, o ideal de higienização da população, que no final do século aparece na “versão fantasmática, a das próteses técnicas e biotecnológicas”. (MICHAUD, 2019,p.547) A arte assume o papel de representar o corpo sobre o olhar otimista, através da publicidade e do espetáculo, predominando a obsessão de um corpo performático e mecanizado. Desse ponto em diante, as produções das artes prolongam a visão estereotipada dos corpos.

O segundo, registro está relacionado ao “montar” o corpo com próteses tecnológicas para transformá-lo em um cyber corpo. Para alguns artistas, impera a lógica do espetáculo e, a "monstruosidade", é a manifestação da perfeição sem regra, se arriscam a pensar em instrumentos de comunicação que possam ser diretamente implantados ao corpo. Se por um lado as imagens do século XX incorporam a estética do mecanizado e desfigurado, por outro, nunca cessará a sedução harmônica da beleza. O último registro, o corpo da beleza, toma a conotação do bem, infiltrada nos valores morais na vida social, além de assumir a figura do belo, forma de “correção” política e moral.” (MICHAUD, 2019, p.557). Michaud (2019), finaliza explicando:

“Ainda que essas três grandes categorias visuais do corpo técnico, do corpo ferido e do corpo de beleza, que sem cessar reaparecem na arte do século XX, digam já muita coisa sobre as vivências e experiências modernas do corpo, inclusive com suas contradições até aqui deixei de lado o aspecto mais importante do assunto: o que faz a arte do século XX do corpo, não desta vez enquanto potencial de representação, mas como potencial de produção [...] passa da condição de objeto da arte para a de sujeito ativo e de suporte de atividade artística.” MICHAUD, 2019, p.558)

Dadas as circunstâncias, não é à toa que uma das características mais marcantes da atual geração é o medo de não ser aceito, uma quase necessidade de entregar-se a padrões corporais pré-estabelecidos, ideal potencializado, principalmente, pelos veículos de comunicação. O sentimento que permanece é a incompreensão da real forma do corpo humano,

e quais limites não se deve ultrapassar para não haver a perda da identidade. Nesse sentido, o indivíduo em busca da aceitação e da construção de sua identidade, segue um padrão normatizado o que, por sua vez, acaba por gerar uma dicotomia entre corpo normativo e corpo não normativo de maneira que estes, quando colocados assim, não se complementam, pelo contrário são antagônicos e numa relação de poder sempre existirá aquele que é melhor do que o outro.

2.2. A (IN)VISIBILIDADE DO CORPO COM DEFICIÊNCIA NA HISTÓRIA

Não se pode visualizar o contínuo movimento social de representações do corpo, sem antes evidenciar o percurso histórico de pessoas com deficiências físicas, sensoriais e cognitivas, no qual, inevitavelmente, tiveram sua trajetória marcada pela busca incessante para superar a invisibilidade. Seja na esfera religiosa, mitológica, histórica ou literária, esses indivíduos, na maioria das vezes, foram retratados como incapazes ou indesejados. Segundo Garcia (2011) pessoas com deficiência receberam dois tipos de tratamento na História Antiga e Medieval:

“[...] a rejeição e eliminação sumária, de um lado, e a proteção assistencialista e piedosa, de outro. Na Roma Antiga, tanto os nobres como os plebeus tinham permissão para sacrificar os filhos que nasciam com algum tipo de deficiência. Da mesma forma, em Esparta, os bebês e as pessoas que adquiriam alguma deficiência eram lançados ao mar ou em precipícios. Já em Atenas, influenciados por Aristóteles – que definiu a premissa jurídica até hoje aceita de que “tratar os desiguais de maneira igual constitui-se em injustiça” – os deficientes eram amparados e protegidos pela sociedade.” (GARCIA, 2011, p.01)

Feita essa ressalva, compreende-se que, a visão da sociedade sobre esse grupo em específico, foi severamente influenciada pelo preconceito cultural durante séculos, e sua existência ignorada por um sentimento de indiferença. Além do fato, de algumas civilizações antigas usarem artifícios para “eliminar” ou sistematicamente “amparar” essas pessoas, há ainda outras práticas. Na Roma Antiga, pessoas com deficiência era usadas para fins de prostituição - tavernas e bordéis - ou entretenimento das pessoas ricas - atividades nos circos - uma pratica que se repete por anos a fim.

A instauração do Cristianismo, foi significativamente positiva para as pessoas com deficiência. A doutrina cristã difundida inicialmente em Roma, e de princípios, segundo Garcia (2011) “voltado para a caridade, humildade, amor ao próximo, para o perdão das ofensas, para a valorização e compreensão da pobreza e da simplicidade da vida”, deu respaldo a vida da população marginalizada e desfavorecida, possibilitando mudanças no tratamento desses grupos. Entretanto, essa relação mudou no período conhecido como Idade Média, entre os séculos V e XV, em que a própria igreja Católica passa a relacionar incapacidades físicas, mentais e malformações congênitas como “castigo de divino”, adotando “comportamentos discriminatórios e de perseguição, substituindo a caridade pela rejeição àqueles que fugiam de um “padrão de normalidade”. (GARCIA, 2011).

Entre os séculos XV e XVII, período que ficou conhecido como "Renascimento", a humanidade passa por uma fase de esclarecimento social e de reconhecimento dos direitos universais do homem. Dessa forma, ao contrário da Idade Média, o homem não é mais refém da ira divina. Esse novo modo de pensar, revolucionou o olhar para os marginalizados, e as pessoas com malformações físicas ou limitações sensoriais, mesmo que esporádico e ainda tímido, passam a ser valorizadas enquanto seres humanos. Ainda nesse período, impulsionados pelo realismo, proporção - estudos científicos do corpo - e naturalismo - representação fiel e detalhista da natureza, uma visão quase fotográfica - alguns pintores renascentistas retratavam em seus quadros cenas que se destacam pessoas com deficiências nos mais diversificados ambientes.

A maioria das pinturas mostram com clareza a verdadeira situação de miserabilidade e marginalização em que viviam as pessoas com deficiência naquele século. Um exemplo de artista com forte inclinação artística para retratar a realidade das pequenas aldeias é Pieter Bruegel, “o Velho”, pintor renascentista flamengo. Apesar da influência de ideias renascentistas, Bruegel, “o Velho”, ainda trazia enraizado nas relações sociais certas tradições da cultura medieval. O pintor flamengo é o responsável por recriar a célebre parábola bíblica dos cegos em uma pintura denominada, “*A Parábola dos Cegos*”(figura 14).

Figura 14: *A Parábola dos Cegos*, Pieter Bruegel, o Velho (1568).



Fonte: wikipedia

Avançando para o século XX, no período entre Guerras, principalmente em países europeus e nos EUA desenvolveu-se programas e centros responsáveis pela assistência direcionada aos veteranos de guerra. Garcia (2011) explica que "esse movimento se intensificou no bojo das mudanças promovidas nas políticas públicas pelo Welfare State." - "Estado do Bem-estar" que designa o Estado para garantir padrões mínimos de educação, saúde, habitação, renda e seguridade social a todos os cidadãos - devido ao elevado número de amputados, cegos e outras deficiências físicas e mentais em decorrência da guerra. Nesse período, questões relacionadas às "pessoas com deficiência passaram a ser objeto do debate público e ações políticas". (GARCIA, 2011). Em um panorama geral, apesar de avanços nos temas ligados à cidadania terem provocado um novo olhar para as pessoas com deficiência, o tratamento dado às essas pessoas, segue ainda uma trajetória discriminatória na maioria dos casos até os dias atuais.

3. A MÍDIA E A INFLUÊNCIA NA IMAGEM DO CORPO

Os registros da arte do século XX, influenciaram significativamente a visão do corpo, tornando-a, indiretamente, violenta e obsessiva. A partir dos anos de 1990, a arte torna o corpo um objeto e abala a sua construção. Frente aos avanços em representar o corpo, uma crise identitária se instaura, tornando o objeto marcado, quase mais importante do que a própria vida. O ideal de corpo mecanizado e higienizado resultou no surgimento progressivo de mecanismos de aperfeiçoamento propostos pelas academias de ginástica. Michaud (2019, p.551), relaciona o desenvolvimento de cirurgias estéticas, as operações de modificação do corpo, as práticas de bodybuilding e até mesmo o doping como uma espécie de "engenharia

biotecnológica”, momento em que o tema do homem mecânico toma forma. Os artifícios das tecnologias médicas, cirurgias e genéticas, assim como as tecnologias computadorizadas esboçam na arte uma perspectiva pós-humana.

3.1. CULTO AO CORPO E O SURGIMENTO DE MECANISMOS DE APERFEIÇOAMENTO NOS ESPAÇOS DE PRÁTICA CORPORAL

Embalado pelo contexto histórico-existencial, mais precisamente na década de 80, surgem os múltiplos mecanismos de aperfeiçoamento corporal; dentre eles, o modismo das atividades físicas regulares e técnicas de gerenciamento do corpo, como cirurgias plásticas e profissionais especializadas em boa forma física, a exemplo, nutricionistas, cirurgiões plásticos, massagistas, personal trainers, dermatologistas e *personal stylist*. Essa diversidade de profissionais está preparada para oferecer técnicas e artifícios de gerenciamento, com o objetivo de apagar da pele as marcas do tempo biologicamente inevitáveis, assim como os métodos que consistem em, manipular ao máximo o corpo, para obter uma pele lisa, um corpo esbelto e aparentemente jovem; rejeição frente a tudo o que parece disforme ou velho.

Junto ao surgimento das práticas corporais, estão os espaços direcionados à "educação do corpo", as chamadas academias, onde se praticam várias modalidades esportivas, como ginástica e musculação. Há uma construção coletiva a respeito do culto ao corpo, relacionado a esses espaços, que através dos mecanismos de aperfeiçoamento, como aparelhos de musculação, fortalecem o discurso do corpo limpo e higienizado. Esses espaços também, em sua maioria, são ocupados por corpos padronizados que buscam alcançar sua performance máxima; representam um lugar para aperfeiçoamento e correção de formas indesejadas, exclusivamente para corpos canonizados. Assim como sugerido por Barros (2005), as imagens corporais ligam-se por meio de uma proximidade espacial que favorece o contato entre corpos e suas experiências (BARROS, 2005, p. 550), em outras palavras, a percepção de mundo está lograda a partir dessas influências e, frequentemente, elas afirmam o discurso hegemônico.

3.2. (RE)PRODUÇÃO DE IMAGENS E A INSATISFAÇÃO CORPORAL

Atrelado à cultura da beleza, os meios midiáticos, que visam o alcance em massa e a (re)produção de fluxos informativos, mostram-se grandes influenciadores a respeito da insatisfação corporal e da percepção das mulheres sobre o próprio corpo. Assim como Novaes

(2003) afirma, a “idealização de todos os corpos é efeito da produção de imagens, efeito da cultura da publicidade e da televisão, que apela, sim, a que todos os corpos sejam belos, sensuais, sadios, desejáveis.” (NOVAES, 2003, p. 246). A respeito disso, Damasceno, Vianna, Vianna, Lacio, Lima e Novaes (2006), acrescentam:

“O próprio corpo nasce a partir da necessidade de atingir padrões pré-estabelecidos pela mídia, sendo que este, por sua vez, pouco contempla as várias estruturas existentes do corpo humano e dita o ideal como um arquétipo, muitas vezes, inatingível. Estudos apontam que a mídia tem influenciado negativamente na ideação do corpo ideal, trazendo consequências diversas.” (DAMASCENO et al, 2008 apud SOUZA et al 2021)

Dentro da cultura midiática, a forma como o corpo é representado incentiva a prática constante da “manutenção estética” direcionada ao modelo ascético. Na mídia, pessoas colocam a aparência corporal como uma receita para alcançar fama, saúde e felicidade, seduzem os adeptos de todas as idades e realidades corporais a buscarem padrões irreais. Reconstruções realizadas por cirurgias plásticas, marcam a insatisfação com a própria aparência, que procura reformular suas identidades alinhadas aos parâmetros sociais, transformando-os em ferramentas de ascensão pessoal. Trinca (2008) define a relação com o corpo na pós modernidade da seguinte forma:

“[...] a indústria da beleza somada ao arsenal midiático com seus apelos às fórmulas milagrosas e obsessivas de cuidar e transformar o corpo parece propor uma nova versão de um higienismo e de um eugenismo irrompido pelos referenciais de uma cultura “pós-moderna”, onde o invólucro orgânico representaria a vitrine das conquistas técnico-científicas de prolongamento da vida, de eliminação de “anomalias e deficiências” corporais [...]” (TRINCA, 2008. p.3)

3.3. O IMPACTO DA INTERNET E INFLUENCIADORES NA IDENTIDADE DAS MULHERES

Ainda sobre a influência da mídia na representação do corpo, podemos destacar a internet como maior aliada na divulgação e propagação de padrões de beleza. Apesar dos prazeres e comodidades proporcionados por essa grande rede, os meios de comunicação têm influenciado positivamente e negativamente a vida dos seres humanos. Hoje vivenciamos os efeitos nocivos da vida em telas; a busca constante por likes, atenção e visibilidade gerou uma sociedade ansiosa pela auto aceitação, essencialmente quando o assunto é o corpo.

Como a maioria das coisas no pós-modernismo, rapidamente mudamos nossa relação com as plataformas digitais, e assim, elas passaram a ser cada dia mais essenciais em nossas vidas e até ditadoras de estilo de vida. A partir disso, com o desenvolvimento de tecnologias modernas de comunicação, surgiram profissões que intensificam a divulgação da ideia de corpo perfeito. Profissões advindas de ramificações do marketing - conjunto de atividades focadas em desenvolver valor de mercado para produtos - sua maioria, exercida por mulheres, como blogueira - responsável por produzir conteúdos nas redes sociais sobre diversos assunto - e influenciadora digital - indivíduos responsáveis por realizar estratégias para influenciar e potencializar uma marca.

Segundo Boy e Uitermark (2020), o advento da internet possibilitou o homem se emancipar das pessoas das comunidades em que nasceram e se associar com pessoas de sua própria escolha, e assim, através de alternativas nos espaços virtuais, estabelecer conexões e interagir com grupos com os quais se identifica. As notáveis blogueiras, influencers, socialites e celebridades representam esses grupos aos quais o homem busca se conectar. Conquistaram espaços nas redes sociais e, hoje, são responsáveis por influenciar diariamente diversos seguidores através do seu estilo de vida, ou *lifestyle* - expressão moderna que se refere a um padrão de aspectos comportamentais, seja por consumo, rotinas ou hábitos. Para Boy e Uitermark (2020) “esses grupos constroem zonas na interface *online-offline*, ou seja, domínios simbólicos e materiais que servem como etapas para a promulgação da identidade e o desempenho do status.”

É correto afirmar que os primeiros a recorrerem aos mecanismos de aperfeiçoamento corporal são as pessoas inseridas nessa “realidade virtual”, logo, corresponder ao grupo mais associado aos estereótipos de beleza. Usam e abusam de procedimentos estéticos invasivos cada vez mais jovens, em maior frequência, exibindo corpos modelados e transformados que podem não corresponder à sua identidade, porém estão sendo evidenciados

e desejados. Como resultado temos “[...] mulheres dispostas a se arriscarem em várias cirurgias para ficarem parecidos com seus ídolos; garotas que buscam a reconstrução do corpo para saírem em revistas e se tornarem famosas etc.” (TRINCA, 2008, p.5). Quanto mais a realidade se aproxima de imagens idealizadas de juventude, força e boa forma, maior é sua representatividade dentro da sociedade; e a ânsia de pertencimento a um determinado grupo acaba por gerar a falta de aceitação consigo mesmo.

3.4. RETRATAÇÕES DO CORPO FEMININO NA MÍDIA AO LONGO DO TEMPO

Ao longo do tempo, o corpo feminino foi predominantemente mais discutido pela sociedade em relação ao corpo masculino. Os discursos foram estruturados a partir de ideologias pautadas em padrões muitas vezes irrealis e inalcançáveis, além da objetivação, considerando-o como um objeto de beleza e prazer. A produção das imagens midiáticas voltadas para o corpo das mulheres “são parte da cultura da sociedade contemporânea. Essas imagens se tornaram onipresentes e importantes meios para a difusão de signos, símbolos, culturas e informações” (SAMARÃO, 2007, p.47) e estão sobre a lógica de supervalorização de suas características corporais. A exemplo, durante muito tempo as campanhas publicitárias da marca de cerveja Skol (figura 15), usaram a imagem da mulher para atrair a atenção do público-alvo (masculino). O padrão corporal das mulheres era altas, bronzeadas e corpo escultural, vestidas com roupas curtas e apertadas ou apenas biquíni. Outra visão para o corpo feminino é a necessidade de aperfeiçoamento, em comparação a corpos padrões, como por exemplo o das modelos - magras, altas e jovens (figura 16).

Figura 15: Campanha publicitária da Skol, marca de cerveja brasileira



Fonte: Imagens obtidas no google.

Figura 16: Capa da revista DeMillus, marca brasileira de lingerie.



Fonte: Imagens obtidas no google.

Como descrito por Samarão (2007):

“O destaque dado ao corpo feminino nas campanhas publicitárias propicia estudos acerca das peças veiculadas nos meios de comunicação, o modo pelo qual estas tratam as questões referentes às mulheres e como várias representações as “desenham” de maneiras totalmente diferenciadas. É importante destacar que as imagens publicitárias estão inseridas em um contexto, elas nos remetem à cultura da sociedade, e suas representações – disseminadas não sem espetáculo, não sem exageros, não sem exuberâncias – podem ser encontradas no cotidiano dos indivíduos. Resta saber se a publicidade legitima as representações ou se a cultura, por si só, já é incutida de tais “imagens imaginárias”. (SAMARÃO, 2007, p.46)

A imagem do corpo feminino está em constante mudança. Ao passo que, é visto pela sociedade como um produto cultural, histórico e social, formado por um único e exclusivo modelo proposto pela mídia, um padrão inspirador para as mulheres, seja na maneira de vestir, calçar ou pentear e que cumpre os interesses de um grupo dominante. Os padrões e estilos foram modificando, ao longo dos séculos, conforme a mudança de interesses de cada época. Freyre (2006) explica o motivo das mudanças no olhar para a mulher:

“A verdade é que a especialização de tipo físico e moral da mulher, em criatura franzina, neurótica, sensual, religiosa, romântica, ou então, gorda, prática e caseira, nas sociedades patriarcais e escravocráticas, resulta, em grande parte dos fatores econômicos, ou antes, sociais e culturais, que a comprimem, amolecem, alargam-lhe as ancas, estreitam-lhe a cintura,

acentuam-lhe o arredondado das formas, para melhor ajustamento de sua figura aos interesses do sexo dominante e da sociedade organizada sobre o domínio exclusivo de uma classe, uma raça e de um sexo”. (FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família sob o regime da economia. 51ª edição. São Paulo: Global, 2006(a) apud SAMARÃO, L. O espetáculo da publicidade: a representação do corpo feminino na mídia. Contemporânea (Título não-corrente), [S.l.], v. 5, n. 1, p. 45-57, nov. 2015).

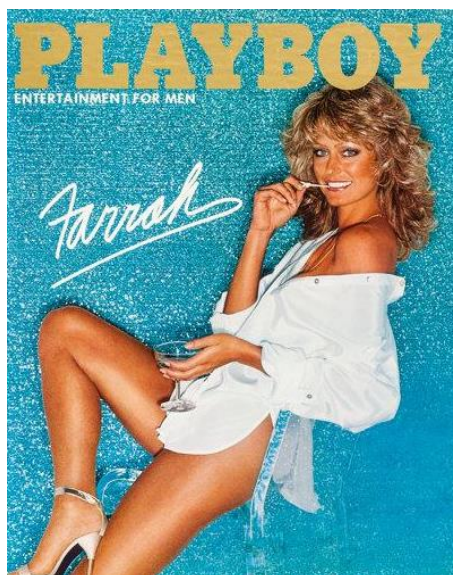
Dentre os ideais propostos às mulheres pela mídia, nos anos 60, por exemplo, ressalta-se um corpo farto, de estatura média, muito busto, quadril largo, e cabelos lisos. Estilo que ficou conhecido como "Garota de Ipanema" (Figura 17) - canção de Tom Jobim e Vinicius de Moraes em que a ex-modelo brasileira, Heloísa Pinheiro, serviu de inspiração. Já no início da década de 70, as mulheres passaram a cuidar cada vez mais da saúde, valorizando o corpo magro e tonificado, um estilo representado pelos cabelos loiros e volumosos, pele bronzeada, pernas longas e exuberância (Figura 18).

Figura 17: Revista Manchete - fotografia Helô Pinheiro, “Garota de Ipanema”.



Fonte: estrelando.com.br

Figura 18: Revista Playboy - Farrah Fawcett, protagonista da série “As Panteras”



Fonte: movie posters.

No século XXI o corpo é resultado da obsessão pela magreza e plasticamente perfeito, com excesso de músculos, isento de velhice ou deformidade. O ideal hoje é o equilíbrio entre beleza, saúde e juventude; um corpo: “magro e malhado, mas sem músculos, barriga “seca”, coxas definidas e duras e seios firmes apresentado e legitimado pela mídia.” (SAMARÃO, 2007, p.50). Historicamente as mulheres foram incentivadas a pensar em seus corpos apenas sobre a perspectiva apresentada a elas. Uma perspectiva que foge da realidade e que não pertence a voz de nenhuma delas, senão, da sociedade. Para as mulheres com deficiência a representação se torna duplamente mais complexa. Se cada vez mais, mulheres com corpos “padrões” se submetem a artifícios em busca da auto-aceitação e aceitação social, impulsionadas pela comparação e insatisfação gerada pela mídia, pensemos sob a perspectiva das mulheres com deficiência, que ao menos foram representadas, vistas ou ouvidas.

A questão é ressaltar que apesar da angústia sofrida por todas as mulheres com relação ao corpo, ainda é notável que parte delas tem representatividade na mídia em comparação a outras. Um corpo canonizado, “normal”, recebe mais holofotes e se mantém em posição de influência na sociedade, enquanto o corpo dissonante, “diferente”, raramente consegue ocupar espaços de representatividade; e apesar dos debates que buscam quebrar com os pré-conceitos, estereótipos e padrões sociais capacitistas, são poucos que conseguem se tornar representantes da minoria na mídia. A influenciadora Leandrinha DuArt (Figura 19) e a TikToker Pequena Lô (Figura 20) são uma das poucas mulheres com deficiência que conseguiram chegar a uma posição de fama e de representatividade.

Figura 19: Blogger, youtuber e ativista pelos direitos das pessoas trans e com deficiência, Leandrinha DuArt, 27 anos.



Fonte: Imagens obtidas no Instagram.

Figura 20: Psicóloga e TikToker Lorrane Silva, 26 anos, conhecida como Pequena Lo.



Fonte: Imagens obtidas no Instagram.

Além da questão da padronização de imagens do corpo pela mídia, a indústria cinematográfica deve ser citada como também responsável pela falta de representatividade por parte das mulheres com deficiência. A organização *Rudeman Family Foundation*, dedicada ao ativismo da causa das pessoas com deficiências físicas, publicou um estudo que 95% dos personagens com deficiência na televisão são interpretados por atores que não vivem as mesmas deficiências na vida real. Esse número prova que esse grupo é a minoria menos representada pela TV (COLETTI, 2016) e enfrentam barreiras para alcançar espaços de visibilidade, além de refletir a falta de diversidade da indústria.

4. MULHERES COM DEFICIÊNCIA NA MÍDIA, UMA ANÁLISE A PARTIR DAS RETÓRICAS VISUAIS DE GARLAND-THOMSON

No que se refere à influência da mídia e a predominância estereotipada em relação à imagem corporal, há uma maior internalização dos conteúdos voltados às mulheres com deficiência. A professora na Emory University e, autora de livros referência nos estudos sobre teoria feminista e deficiência, Garland-Thomson, publicou em 1997 o livro “*Extraordinary Bodies*”, que se tornou fundador do cânone dos estudos sobre a deficiência. Em seu trabalho “*The Politics of Staring: Visual Rhetorics of Disability in Popular Photography*” Thomson propõe categorizar quatro tipos de retóricas visuais na mídia, sendo estas: a do maravilhoso, a sentimental, a realista e a do exótico, diante da percepção das pessoas com deficiência e o modos como se dão o tratamento a estes no âmbito da visualidade.

Na grande maioria, se sobressai como a forma mais antiga de representar a pessoa com deficiência a retórica do maravilhoso. Define-se a mesma pela “importância dadas às diferenças físicas de modo a provocar encantamento e admiração” (GARLAND-THOMSON, 2008, p. 191 apud BANDEIRA, A., CRISTINO, D. Humanidades digitais in *Corpos exóticos dissonantes: retóricas visuais e a produção de visualidades*, p.33), portanto, é retratada em situações cotidianas, que provocam o sentimento comovente de superação por parte da pessoa com deficiência. O filme *Colegas*, 2012, (Figura 21) conta a história de três jovens amigos que fogem para irem em busca de seus sonhos: ver o mar, voar e se casar. É uma proposta voltada para o universo dos sonhos e amizade, com o objetivo elucidar que “tudo é possível”, a trama retrata um contexto de autonomia e superação para os personagens sem deixar de dizer que a Síndrome de Down pode ser vista como obstáculo. O figurino é um dos elementos principais que retratam a vontade de ser quem almeja ser, tanto quanto, a liberdade de sonhar.

Figura 21: Cena do filme, *Colegas*, 2012.



Fonte: Diário de Suzano

A segunda retórica visual é a do “sentimental”, se apresenta pela produção de uma “vítima simpática ou sofredora necessitado por proteção ou socorro e que invoca a piedade, inspiração e contribuições frequentes” (GARLAND-THOMSON, 2008, p.194). Essa retórica é

recorrente em campanhas beneficentes e caracteriza-se por imagens em que a pessoa com deficiência pode estar em posição de inferioridade em relação ao outro. Como apontado por Bandeira e Cristino (2021) “Em relação a isso, esse tipo de imagem desperta a prática da caridade, como um modo de saciar uma necessidade de “corrigir” a deficiência.” (BANDEIRA, A., CRISTINO, D. 2021, p.34). A terceira retórica denominada como “realística”, busca uma “relação de continuidade entre o observador e observado” (GARLAND-THOMSON, 2008, p. 198). Apresentada em campanhas sociais e políticas, a retórica realística tem o discurso de igualdade. (BANDEIRA, A., CRISTINO, D. 2021, p.34)

O filme “*The fundamentals of Caregiving*”, lançado em 2016 pela Netflix, (Figura 22) é um exemplo recente do uso das retóricas realísticas de Garland-Thomson. Baseado na obra literária de Jonathan Evison, o filme trabalha a temática do redescobrimto enquanto os dois personagens enfrentam dificuldades da vida. É despretenhioso, humorado e reflexivo sobre tais situações. Trevor (Craig Roberts), é um jovem cínico e sarcástico, uma forma de disfarçar suas inseguranças e lidar com a distrofia muscular, enquanto Ben (Paul Rudd), confronta a falta de perspectiva, todavia resultando em uma trama longe do sentimentalismo extremo. Tanto a personagem cadeirante, quanto seu cuidador parecem sem perspectiva e apáticos (sentimento expressado pelo cenário, paleta de cores e expressão facial).

Figura 22: Cena do filme, *The Fundamentals of Caring*, 2016.



Fonte: Cinefilia Crítica

A quebra de expectativa se mostra presente em diversos momentos. O enredo é espirituoso em situações que normalmente apelam para o lado emocional do espectador quando tratado a deficiência. O filme, em sua maioria, está na visão realística. Os dois personagens estão juntos lidando com as adversidades da vida, com o olhar da igualdade e ajuda mútua. Ben pretende mostrar ao Trevor que sua deficiência não deve delimitá-lo de ver o mundo. No filme é possível perceber, também, o uso da retórica sentimental, quando analisada a relação de

Trevor com sua mãe. Elsa é uma mãe que acredita que o filho necessita de sua proteção constantemente, além de ser permissiva, aceitando e justificando o comportamento do filho devido à sua deficiência.

Por último, a quarta retórica visual discutida pela autora é a do “exótico”, sendo definida pela mesma, como a apresentação da deficiência como algo “alienado, distante, mais sensacionalista, erotizado ou divertido em sua diferença” (2008, p.197). A respeito disso, Bandeira e Cristino (2021), acrescentam: “imagens publicitárias, particularmente no ramo da moda, têm representado pessoas com deficiência em situações de erotização e de exposição corporal, provocando um discurso não de superação ou derrota, mas de conformidade. (BANDEIRA, A., CRISTINO, D. 2021, p.34). Representações que buscam o estranhamento do observador, leva à reflexão sobre o que é a deficiência, algo que não é estranho a si, mas parte de sua própria imagem. (Figura 23)

Figura 23: Fotografia de Richard Phibbs para o Catálogo da ESPN “*The body Issue*”, 2019 da atleta Scout Bassett



Fonte: *The Body Issue* (espn.com)

4.1. RETÓRICAS VISUAIS COMO PARTE DA FACHADA SOCIAL E O IMAGINÁRIO COLETIVO

Vale lembrar que a construção da imagem do corpo transita no tempo e no espaço. O corpo é lugar de diversas contestações sociais, e por isso, carrega elementos simbólicos e culturais dotados de significados presentes no cotidiano (BANDEIRA, 2021). Dessa forma, é importante salientar dois conceitos que também podem ser influenciados por meio das retóricas visuais de Garland-Thomson: o imaginário coletivo e a fachada social. De acordo com o site (DA AULA, 2022), imaginário é o “conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que é depositário da memória que a família e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano.” Isso quer dizer que, quando fazemos uso de retóricas, intrinsecamente elas começam a permear a lembrança da coletividade. Deste modo, as retóricas visuais aplicadas por meio da mídia e mapeadas por Garland-Thomson são imprescindíveis para entender a forma como mulheres com deficiência têm sido representadas.

Nesta perspectiva, Erving Goffman, cientista social, antropólogo, sociólogo e escritor canadense, dedicou seu trabalho em prol de estudos relacionados a sociologia da vida cotidiana, a interação social, a construção social do eu, a organização democrática da experiência, e elementos particulares da vida social, tais como instituições totais e estigmas. Em seu livro “Representação do eu na vida cotidiana”, Goffman faz uma análise sobre as representações humanas, concluindo que o indivíduo social tem a habilidade de forjar papéis durante uma interação para seu benefício. O objetivo principal do ator é manter sua coerência e se ajustar de acordo com a situação. Um dos principais conceitos para compreender as representações cotidianas são as fachadas. Definido por Goffman (2014) como:

“[...] a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação. Para fins preliminares será conveniente distinguir e rotular aquelas que parecem ser as partes padronizadas da fachada.” (GOFFMAN, 2014, p.34)

Logo, Goffman afirma que na realidade cada indivíduo desempenha dentro da sociedade um “papel”. Esses papéis representados podem ter uma aproximação ao âmbito das retóricas visuais, dada a percepção coletiva que a mídia estabelece desses corpos. E desta forma, os espectadores se relacionam com estes atores por meio de visualidades pré-moldadas. A

respeito disso, Goffman acrescenta “sustentamos nossas representações e realizamos espetáculos como atores, convencidos que a impressão que encenamos é a verdadeira realidade.” (GOFFMAN, 2014, p.31). As diversas retóricas visuais, por sua vez, podem ser tomadas como uma espécie de fachada, construídas midiaticamente e, por sua vez, atribuídas às mulheres com deficiência. De certa forma, a mídia numa relação de poder, por meio da representação dos corpos de mulheres com deficiência, corrobora na construção dessas fachadas, usando de retóricas que são pejorativas e que ferem o senso de identidade interior, ressaltando cada vez mais, a necessidade de mudar a forma como elas são representadas.

Ainda sobre as fachadas deve-se lembrar da sua relação com a imagem corporal, já que essa também é parte integrante das características de reconhecimento social. Os mecanismos expressivos de um indivíduo, assim como, sua forma corporal fazem parte de um padrão vinculado à coletividade propagados a séculos por diversas formas de representação reforçados pelos veículos de comunicação que, intensificam as questões de identidade. Diante disso, somos levados a questionar: o que interpretamos sobre o outro? Quem é o que nos diz quem é o outro? Quem é o outro que a imagem tem o poder de retratar? Estas são questões disparadas que nos instigam a pensar quantos preconceitos foram construídos e perpetuados nos olhares de quem vê a imagem que foi construída sobre o outro, compreendido como aquele que é "diferente". A imagem do corpo, nesse sentido, se constrói a partir das narrativas que as representam, e para as mulheres com deficiência, essa imagem está sempre na perspectiva do olhar de quem a vê.

Para falar da fachada, é importante salientar seus equipamentos expressivos: o cenário, a aparência e a maneira, todos eles parte dos aspectos cênicos da fachada. No que diz respeito aos aspectos relacionados às partes do “cenário”, Goffman acrescenta a “móvel, a decoração, a disposição física e outros elementos do pano de fundo que vão constituir o cenário e os suportes de palco para o desenrolar da ação humana executada.” (GOFFMAN, p.34), logo o cenário é composto pelos objetos e pelos elementos visuais que compõem a cena. Geralmente não acompanham os atores, apenas em circunstâncias excepcionais, como, num enterro, ou cortejos de Reis e rainhas, tornando momentaneamente a encenação sagrada, método que colaborou para a construção da imagem corpórea do rei, citada anteriormente.

O segundo aspecto cênico, aparência, Goffman (2014), revela o status social do ator, enquanto o terceiro, a “maneira”, informa o papel de interação que o ator espera

desempenhar na situação; se pretende ser agressivo ou amável. As duas podem contradizer e até confundir, no momento em que um ator aparenta ser de posição mais elevada que os demais, mas se equipara a plateia. Em todo caso, a fachada funciona como se estivesse na esfera teatral. Nela contamos com elementos de cena, atores e figurinos, tudo em prol de um personagem, que se apresenta diferente nos espaços cênicos e para seus espectadores.

Identificamos fatores que constroem a identidade e a formação de grupos, seja pelo cenário, maneira ou aparência, constituindo relações de hierarquia social e, a crescente tentativa de apreender e analisar os papéis para “fazer parte” de um grupo ou de uma situação. Dessa forma, contamos com diversos papéis sociais no nosso cotidiano, levando a compreender que a sociedade está repleta de múltiplos exemplos de identidades, dentre elas estão algumas figuras fundamentalmente recordadas, como apresentadores e jornalistas; artistas e cantores; líderes políticos entre outros. Valeria refletir se eventualmente, o imaginário associado a essas figuras se dá pelo fato de cotejarmos os valores elementares envolvidos nessas atividades, uma espécie de simbologia. Uma associação às condições históricas, culturais e industriais em que se forjou a própria noção de identidade.

Há pessoas que se beneficiam de tratamentos privilegiados através de elementos que automaticamente, torna o indivíduo a personificação/encenação de uma identidade. Elementos que acompanham os papéis sociais estão ligados não apenas a elementos transitórios, há também equipamento expressivo próprio do ator, inclui vestuário, sexo, idade e características raciais. Em um panorama geral, ao analisarmos atores e atrizes de hollywood, cantores, líderes políticos, apresentadoras jornalistas, entre outros, nota-se um padrão característico de idade, de sexo, raça, etc, provando que a repetição de padrões estão nas raízes sociais.

Figura 24: A ex-presidenta Dilma Rousseff ao lado de Renan Calheiros e Eduardo Cunha.



Fonte: nexojornal.com.br

Uma determinada fachada social pode se difundir em termos das expectativas estereotipadas, as quais tendem a dar sentido e estabelecer um padrão específico a ser feito em determinada situação, torna-se uma “representação coletiva”. Assim como Goffman explica, “em ocasiões de grande cerimônia, o cenário, a maneira e a aparência podem ser únicos e específicos, usados somente para representações de um único tipo de prática, mas este uso exclusivo do equipamento de sinais é a exceção, não a regra.” (GOFFMAN, 2017, p.42), portanto, se um ator assume um determinado papel, verifica-se que o mesmo já tenha uma fachada pré estabelecida.

Como dito anteriormente, o cenário é essencialmente importante para a construção de um papel. Determinados espaços são capazes de acompanhar e estruturar a divisão de poder. Em um Tribunal do Júri, por exemplo, partindo de uma análise da vestimenta, termos jurídicos e a disposição do espaço, conclui-se que se trata de uma estrutura cênica ritualística, no qual as mensagens denotam, sobretudo, a presença de hierarquia entre os envolvidos. A partir desses elementos, simbolicamente segundo Karam (2005):

“Ministério Público, como órgão acusador, ocupa a posição cênica de destaque, imediatamente à direita do Juiz-presidente, a Defesa, por sua vez, permanece no plano inferior e distante do órgão jurisdicional, e o Réu em pior posição, pois, colocado no “banco dos réus.” (KARAM, 2005, p. 123-124)

Figura 25: Simulação de um Tribunal do Júri e sua organização teatral.



Fonte: direito.folha.uol.com.br

Diante disso, as fachadas - princípios arraigados que, frequentemente, nos conectam a grupos maiores que nós e, nos fazem sentir pertencentes - constantemente influenciam a visão padrão de como um corpo seria ideal e aceitável socialmente. Instintivamente nos agarramos a esses padrões e, quando os enxergamos fica difícil de ignorar. O padrão de beleza garante segurança, da mesma forma nos mantém parte do grupo.

4.2. REPRESENTATIVIDADE E IDENTIDADE DAS MULHERES COM DEFICIÊNCIA

Antes de abordar a questão sobre representatividade e identidade das mulheres com deficiência, é necessário conceituar os termos. Identidade, conceito amplamente estudado recebe diversas definições. Desde compartilhar ideias de um determinado grupo ou, ser um conjunto de características próprias com as quais se podem diferenciar pessoas umas das outras. Mais do que um conceito, também norteia a existência, referências que oferecem uma ancoragem estável e modelos que comprovam a qual grupo se faz parte. Independente da definição, a identidade pode ser constituída pela ação do meio em que está inserido; isso significa que, à medida que a mídia, principal instrumento de comunicação, reafirma o discurso do corpo canônico através da fala e das pessoas que a representa, menos pessoas com corpos dissonantes se sentem parte dessa realidade.

A ideia de representação nos remete diretamente ao uso de imagens pela mídia, aqui em especial, pela publicidade. As imagens disseminadas pela publicidade são parte da cultura

da sociedade contemporânea brasileira. Essas imagens se tornaram onipresentes e importantes meios para a difusão de signos, símbolos, culturas e informações. (SAMARÃO, 2007, p.47). Apesar do transcurso do tempo, muitos padrões e idealizações pensados durante a antiguidade, idade média e na contemporaneidade, permanecem latentes, ainda nos tempos modernos. Reforçamos reproduções culturais, que fortalecem corpos canônicos, pensados apenas sobre a perspectiva do aprimoramento da beleza, perspectivas que se alastram pelo senso comum. Os cuidados com o corpo, mais precisamente feminino, se disfarçam nas concepções de juventude, beleza e saúde, engendradas pela representação na vida cotidiana, assim como descrito por Goffman.

O termo representação, segundo Goffman (2014) refere-se a “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre este alguma influência.” Diante da representação, desenvolvemos equipamentos expressivos, com o objetivo de definir a situação para seus observadores, às "fachadas", como descrito acima. Alguns mecanismos da fachada se referem à vestimentas, sexo, idade e características raciais, relativamente fixos e, dentro de um certo espaço de tempo, não variam para o indivíduo de uma situação para outra; por outro lado, alguns são transitórios e moveis, como a expressão facial. Os mecanismos acabam sendo meios de identificação.

Sobre outro ponto de vista que se estabelece uma “crise identitária”, é visto no corpo com deficiência que, na grande maioria, está relacionada à “necessidade de amenizar” a condição por meio de métodos cirúrgicos, ou seja, estão sob a perspectiva de conserto, cura, controle ou objetificação da deficiência. À medida em que o discurso em torno do corpo se torna mais frequente, a visão de si mesmo, assim como a que os outros têm sobre seu corpo, adquire maior relevância, afetando não apenas o senso de pertencimento, como também, a construção da identidade. Dessa forma, a aparência do corpo passa a falar mais alto do que a afirmação da própria identidade. Se a normatividade cultural de padrões estéticos influencia a percepção sobre corpos femininos, mulheres com deficiência estão na posição de sofrerem duplamente a opressão perante seus corpos.

Rosemarie Garland-Thomson (2001), teórica crítica e feminista do campo Estudos Feministas sobre Deficiência, realizou pesquisas que contribuíram para compreensão de que o gênero assim como a deficiência são questões que podem ser observadas, representadas,

estudadas ou conceituadas, como formas de expressão que constituem uma experiência, portanto: “estas narrativas moldam o mundo material, informam as relações humanas e moldam nosso senso de quem somos.” (GARLAND-THOMSON, 2001, p.6). Garland-Thomson descreve as premissas principais dos Estudos Feministas da Deficiência, como sendo:

“a representatividade estrutura a realidade; as margens definem o centro; gênero e deficiência são formas de significar relações de poder; a identidade humana é múltipla e instável; e toda análise e avaliação tem implicações políticas.” (GARLAND-THOMSON, 2001, p.6)

Levando em conta as premissas propostas Garland-Thomson, apresentam três campos fundamentais para compreender o papel da mídia na representação de mulheres com deficiência, como sendo: a representatividade, o corpo e a identidade; conceitos importantes para essas mulheres quanto à representatividade como um fator que auxilia suas vivências e percepções. A propagação de imagens manipuladas, reforçam a ideologia de corpo perfeito e, encorajam aqueles que estão longe do padrão submeterem a artifícios estéticos, para alcançá-lo; deste modo, frequentemente tendemos a ocultar nossas particularidades corporais, para nos sentirmos inseridos a essa realidade. Garland-Thomson acrescenta:

“A discriminação social e a subordinação política estão vinculadas à valorização cultural e à desvalorização dos corpos com base em sua aparência. O foco na aparência nos permite não apenas criticar o sistema de normas chamado beleza, mas também considerar como as normas de aparência contribuem para o sexismo, o racismo, o capacitismo e outras formas de opressão social. A beleza, portanto, pode ser vista desta forma como uma ideologia cultural coercitiva, um conjunto de valores e práticas que, como a deficiência, tem consequências no mundo material”. (GARLAND-THOMSON, 2001, p.12).

4.3. CANÔNICO E DISSONANTE COMO CONCEITO CORPORAL

As mudanças sociais, históricas e culturais tornaram importante os processos de (re)significação do corpo. Malu Fontes (2006) em seu trabalho “Uma leitura do culto

contemporâneo ao corpo”, aborda dois conceitos sobre essa temática: o corpo canônico e o corpo dissonante. O primeiro, publicizado nos meios de comunicação de massa, é representado pelo corpo com formas físico-estéticas predominantes e idealizadas. Fontes (2006) explica, “o corpo canônico é, então, o corpo resultante da soma desses diferentes tipos de investimento, um corpo construído ou alterado mediante práticas, métodos e artifícios que emergiram ou foram aperfeiçoados ao longo de todo o século XX.” (FONTES, 2006, p.127). Desse modo, os padrões determinados por uma visualidade imposta sobre o corpo moldado, reforçados por uma cultura da beleza, trabalham na exclusão de corpos não normativos, seja pela retórica visual ou a falta de representatividade. O segundo, aquele que não adere aos artifícios de reformulação e adequação da aparência representada. Como afirmado por Fontes, a definição de dissonante é:

“[...] todo corpo que não se ajusta a esse projeto [...] tende a ser classificado como um corpo dissonante, um corpo in-válido, não válido quando comparado e confrontado com a lógica da boa forma e do vigor físicos. O corpo dissonante, ou seja, aquele que não adere aos artifícios de reformulação e adequação da aparência tende a despertar reações de estranhamento e até mesmo de repulsa. Na cultura contemporânea, o que não é desejável quase sempre é assustador.” (FONTES, 2006, p.129)

A respeito dos conceitos abordados, sobre corpos dissonantes, pode-se dizer que, de modo geral, identificar-se com a corporeidade canônica e idealizada, já é complexo para indivíduos cujo corpos são tidos como normais, para os dissonantes se torna inalcançável, por se tratarem de corpos que não se assemelham fisicamente às referências corporais socialmente desejáveis.

5. INDICATIVOS DE PROJETO

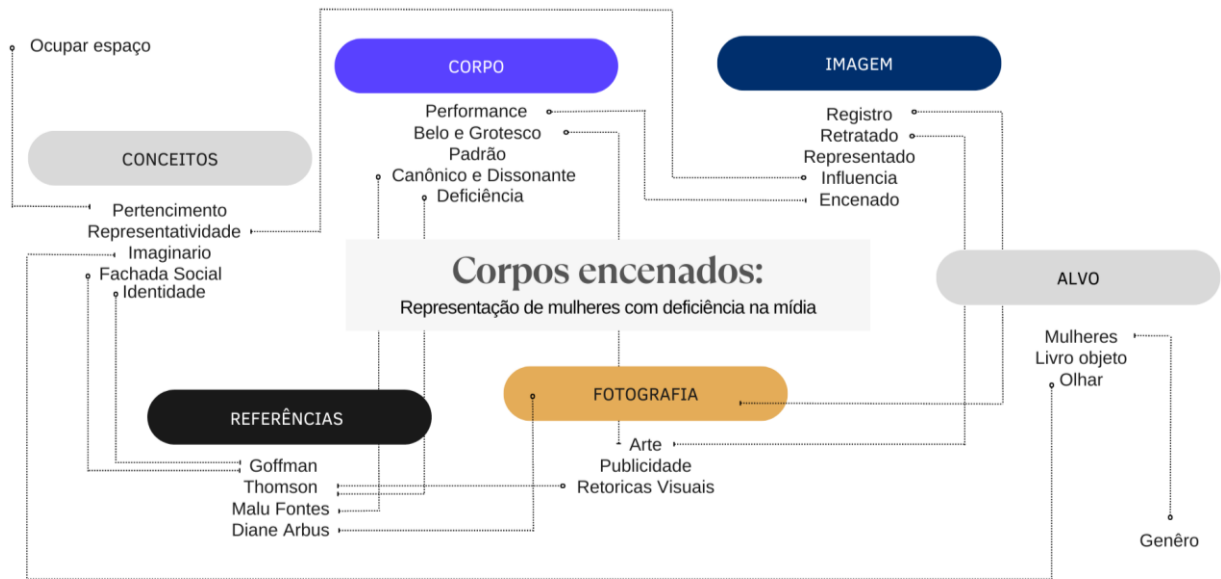
Ao longo da história, seres humanos produziram e propagaram imagens, desde os desenhos nas paredes das cavernas na pré-história, passando pelas reproduções cotidianas em telas e esculturas no renascimento, chegando à contemporaneidade, com o desenvolvimento de mecanismos para captar imagens, como por exemplo a fotografia. Desse modo, o indivíduo demonstra a necessidade de produzir representações: um impulso em materializar formas de pensar sobre si e ver o mundo. A essas representações, bem como a enorme variedade de maneiras pelas quais se apresentam, cabe a capacidade de registrar um momento no tempo e espaço, influenciado por circunstâncias culturais e sociais.

Em vista de tudo que já foi exposto nesta pesquisa, pretende-se desenvolver para o projeto, um livro experimental, com uso da fotografia, levando em consideração, suas múltiplas possibilidades de expressão, no intuito de contribuir de maneira significativa para a representação de 4 mulheres com deficiência. Sendo assim, o livro, como já mencionado, levanta questões assertivas sobre a importância de se debater a relação do corpo na mídia, proporcionando outros olhares na representação das rotinas dessas mulheres em suas diversas fachadas contempladas por cenários e elementos cênicos de suas vidas cotidianas. Também pretende trazer uma abordagem que promova uma reflexão ativa sobre a representatividade de pessoas com deficiência, tudo isso em busca da construção da identidade, de forma que viabilize as construções do imaginário social a partir dessas realidades, assim como o sentimento de pertencimento de mulheres com deficiência.

5.1. FASE INICIAL DOS INDICATIVOS PROJETOS

Sabe-se que o objetivo do projeto é discutir a divulgação de imagens do corpo da mulher pela mídia, principalmente sob a perspectiva da mulher com deficiência, dessa forma, as representações do corpo da mulher com deficiência, ainda são carregadas de capacitismo. Como início da metodologia de projeto, houve a elaboração de um mapa mental para obter uma revisão sistemática sobre as temáticas envolvidas na produção literária, que nortearam todo o processo e as decisões que serão tomadas, tanto no direcionamento inicial do projeto, quanto no objetivo final da produção.

Figura 26: Mapa mental bibliográfico



Fonte: Elaborado pela autora

5.2. ESTÉTICA E REFERÊNCIAS VISUAIS

Antes de discorrer a respeito da metodologia abordada no processo de desenvolvimento deste trabalho, torna-se pertinente mencionar a motivação para escolha da fotografia como ponto de partida para o projeto final. Ao longo do tempo, a memória que constrói a fotografia de registro, sempre serve para produzir uma mudança, é uma forma de compartilhar e contar histórias, na possibilidade de abrir espaço para esse movimento, produzindo imagens para se sentir pertencente. Desse modo, foi realizado o levantamento de imagens, com a finalidade elucidar as narrativas visuais, assim como a linguagem imagética a ser seguida para dialogar com a proposta do projeto. Sendo assim, os estudos de estilos fotográficos foram o ponto de partida para se pensar a deficiência, sabendo que a fotografia tem um papel importante e simbólico enquanto plataforma artística de evocação das narrativas.

Diane Arbus, a fotógrafa documental norte-americana, é a principal referência conceitual, devido ao seu estilo de fotografia considerado “fora do padrão de normalidade” e sua busca por perfis diferentes, de modo a celebrar o indivíduos como os mesmos realmente são. O objetivo é alcançar uma fotografia que abrace uma representação do que as pessoas podem ser. Logo, na busca pelo uso de imagem como uma metáfora para representar algo mais real, dando a ela uma valoração moral. Não se trata de sentimentalismo, nem de imagens

“forjadas”, mas da construção gráfica de um ponto de vista, onde essas mulheres são valorizadas.

Figura 27: Levantamento fotográfico Diane Arbus



Fonte: Imagens retiradas do google

5.3. PRODUÇÃO GRÁFICA E O LIVRO EXPERIMENTAL

Mas o que é a experiência do livro experimental? São páginas convidativas ao manusear, compreensíveis na colaboração do leitor. Diferente dos demais, o livro experimental representa uma mudança de lugar, mesmo na estante, no ponto de venda ou mercearias é dotado de intervenções lúdicas, é arte. Segundo Paiva (2010):

“[...] no Brasil, a afirmação do livro como objeto, obra original, inventiva apresenta forte influência na poesia visual, artes visuais a uma materialidade na linguagem, na poesia concreta, por exemplo, que combina com a narrativa do livro artístico, o qual, de certa forma, liberta a palavra para a performance, a imagem para a arte.” (PAIVA, 2010, p. 94)

A escolha do livro experimental como suporte para as fotografias se dá na possibilidade de ampliar a função informativa e o caminho fenomenal de acesso à

individualidade da leitura e percepção do olhar do outro. O leitor passa a ser um agente que atualiza a obra, seja imaginando vida no conteúdo, seja encantando-se com a subjetividade da poesia visual das páginas e aberturas para as tendências gráficas, tipográficas e diagramáticas. Sobretudo, o livro dá a possibilidade para esse projeto de se movimentar como uma espécie de poesia visual com formas livres e interpretações do espaço narrativo, assim como, graficamente, experimentar uma diversidade de materiais e articulação das partes compositivas. A memória da obra penetra entre fotografia, montagem, diagramação e impressão.

Após identificar a diversidade de possibilidades no livro experimental, foi realizado uma análise de quatro mulheres para participarem do projeto e assim, uma agenda para gerenciamento das entrevistas, que tem como ponto central questionar, qual registro essas mulheres gostariam que fossem feito, e como quebrar uma imagem estereotipada? Assim, com um roteiro de perguntas que serviu como método de pesquisa qualitativa no trabalho, as entrevistas foram realizadas pela plataforma meet e gravada para coleta de dados e uso no projeto final.

Figura 28: Gerenciamento de entrevistas

	HORÁRIO	DIAS	LOCAL
Ana Beatriz	Manhã	10/05	Locais abertos - parques
Ana Carolina	Tarde	13/05	Sem preferência - estúdio
Helaine	Tarde	13/05	Sem preferência - estúdio
Natalia	13/05	13/05	Sem resposta
Qeitti	-	-	Sem resposta
Talita	Noite	13/06	Sem preferência - estúdio
Luana	Noite	10/05	Sem preferência - estúdio

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 29: Roteiro de perguntas

- **QUESTIONÁRIO:**

Ponto central: Qual registro você gostaria que fosse feito, e como quebrar uma imagem estereotipada?

1. Como você se vê representada na sociedade? Você acha que a representação do seu corpo nas diversas mídias existentes realmente diz quem você é?
2. Você já passou por alguma situação de desconforto, preconceito ou falta de acessibilidade em espaços físicos? Como foi essa experiência? Como você se sentiu?
3. O que você gostaria que tivesse no livro que te representasse?
4. Quem é você? (Defina em poucas palavras). Conte um pouco da sua história se sentir à vontade
5. Como você enxerga a deficiência na sua história? Como um fator de identidade? A deficiência é determinante para dizer quem você é?
6. Resumidamente, como é seu dia a dia?

7. Como você percebe a acessibilidade nos espaços físicos? Me fale de forma sucinta como você se sente (ou se vê) nos espaços comuns não acessíveis?
8. Você considera que o seu corpo é aceito nos espaços que você ocupa?
9. Você sabe o que é capacitismo? O que você entende por capacitismo na sua experiência? Como você acredita que o capacitismo, e os olhares afetam sua experiência como pessoa com deficiência no mundo?
10. Você acredita que mais representações e imagens de pessoas com deficiência ocupando o imaginário social poderia ser um elemento de visibilidade para as discussões relativas aos processos de Inclusão e acessibilidade?
11. Você acredita que a representatividade de pessoas com deficiência pode levar a mais discussões sobre as barreiras impostas pela sociedade no que diz respeito à Inclusão?
12. Qual a relevância desse projeto para você e a sociedade?

Fonte: Elaborado pela autora

A abordagem dos registros fotográficos de Diane Arbus tinham como propósito fazer com que as pessoas se desprendessem da imagem pública que vestiam para serem aceitas, dessa forma, as concepções de fachadas sociais e retratos cotidianos conduziram as narrativas apresentadas para essas quatro mulheres. Foi proposto para as entrevistadas relatar as experiências individuais sobre a perspectiva do protagonismo mediante a fotografia, ou seja, ultrapassar a encenação e adentrar no cotidiano, assim como realizado por Diane Arbus, cogitando acompanhar e realizar as fotos nas rotinas diárias, enquanto elas exercem seus papéis sociais no trabalho, em casa, com amigos e familiares.

Figura 30: Agenda acompanhamento da rotina

	HORÁRIO	DIAS	LOCAL
Ana Beatriz	-	-	-
Helaine	-	02/06 (quinta)	Feira hippie - em frente ao Assaí, Av. Independência
Talita	12hrs (meio dia)	03/06 (sexta)	Escola - Colégio Marista nº85
Luana	9hrs (manhã) 10hrs (manhã)	05/06 (domingo) 08/06 (quarta)	Ensaio "Oratórios" - Basileu França Oficina Teatral - Espaço cultural da Feteg, Setor Sul

Fonte: Elaborado pela autora

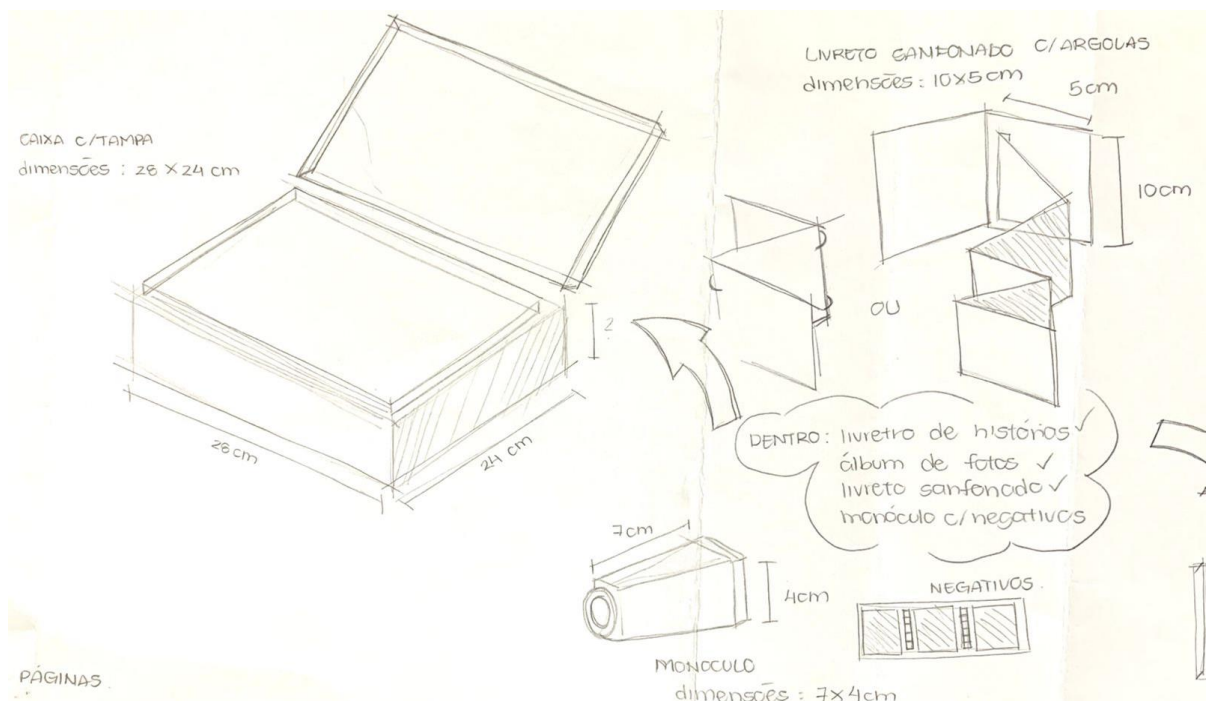
Figura 31: Fotografias das entrevistadas

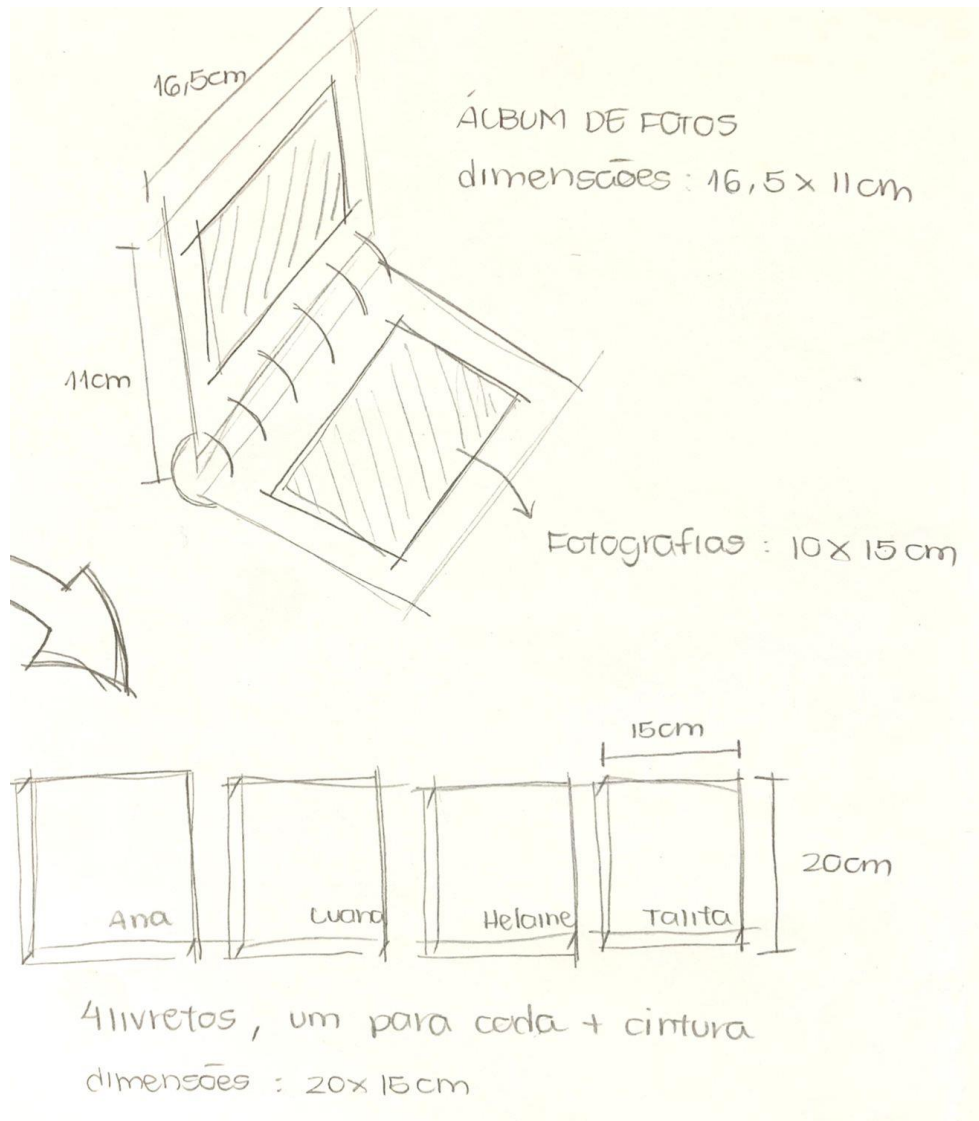


Fonte: Elaborado pela autora

Após a execução das entrevistas e ensaio fotográfico foi necessário pensar em um segundo recurso gráfico, capaz de se comunicar com a fotografia e transmitir a ideia de construção da identidade, que está amplamente relacionada à visão do outro. O que eu sou se dá na relação que eu tenho com o outro, é uma construção coletiva e, como criar empatia? Nesse caso, após uma pesquisa direcionada à obra de Ana Paula M. de Paiva, "A Aventura do Livro Experimental", 2010, o livro experimental mostrou-se um importante suporte de leitura com imenso campo de experimentações, eficiente para a conduzir o leitor por narrativas lúdicas. Nesse sentido, o objetivo é buscar situações em que o leitor mude o olhar estereotipado do corpo com deficiência. Para tanto, como e o que vai estar dentro do livro experimental para que as pessoas tenham uma participação ativa e assim possam ter diferentes olhares para o corpo?

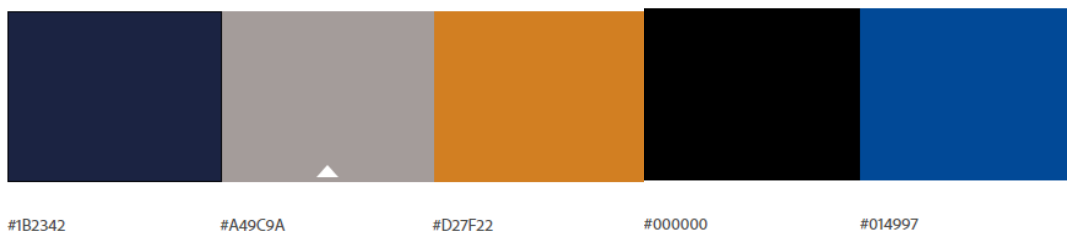
Figura 32: Rascunho inicial do livro experimental





Fonte: Elaborado pela autora

Figura 33: Paleta de cores



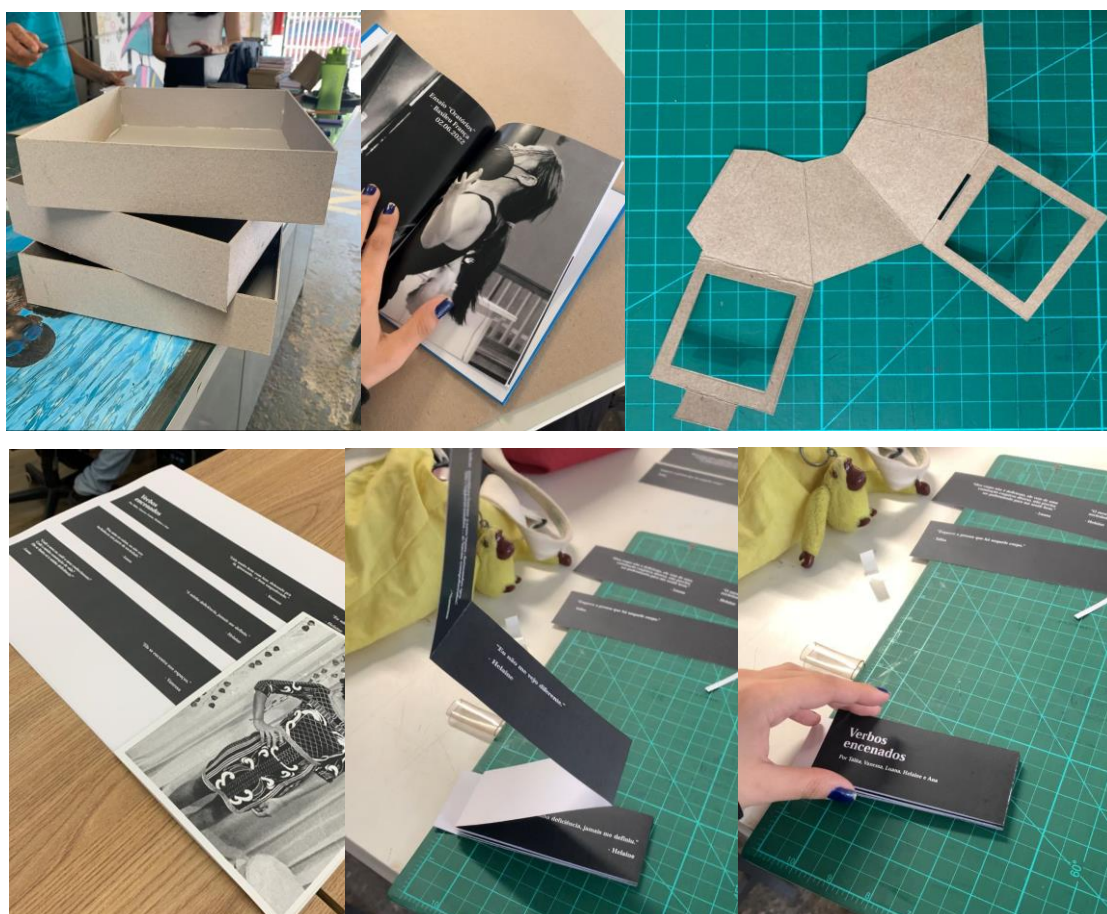
Fonte: Elaborado pela autora

O livro é composto por uma caixa feita de papelão 180g e papel colorplus preto e azul 120g (28x24cm), que envolvem em seu interior 4 livros individuais seguindo a paleta de cores (figura 33) no tamanho A5 (15x20cm) de capa dura, feito com papelão 180g, papel colorplus 120g, interior de couche fosco 180g, e folha de rosto em papel vergê texturizado

180g, contendo a entrevista, como parte das histórias dessas mulheres. Além dos livros, há uma simulação de monóculo (6x4cm) em papel couche fosco 180g e papel craft, com o propósito de isolar o cenário externo e trazendo o olhar para um cenário específico, assim como, 1 álbum, também feito de papel craft, interior com papel couche fosco 180g e colorplus 120g de fotos (16,5x11cm), mais a costura com linha para crochê, para transmitir a sensação e o momento de observação que se tem quando a imagem é física.

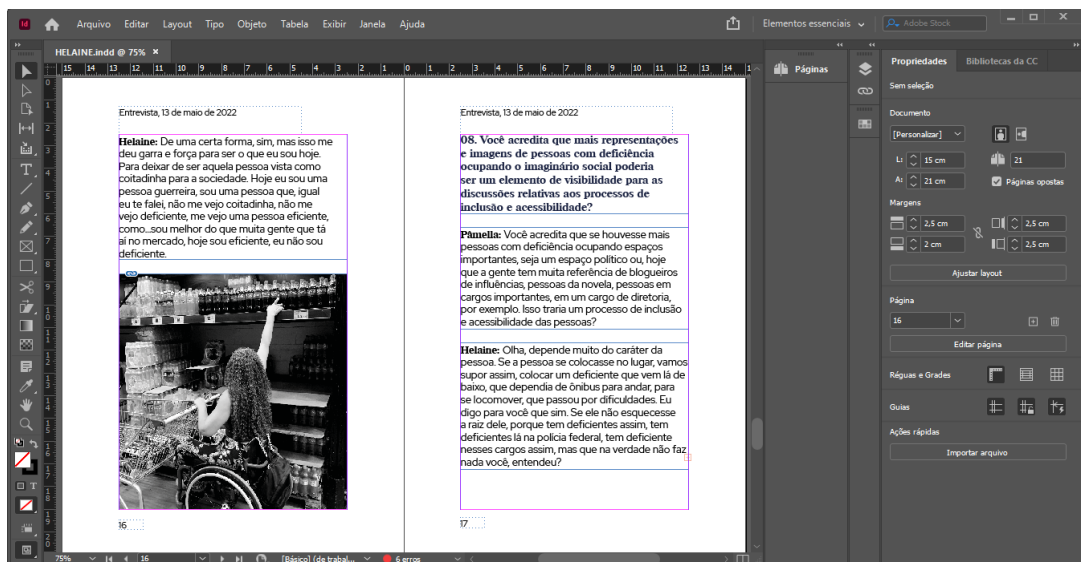
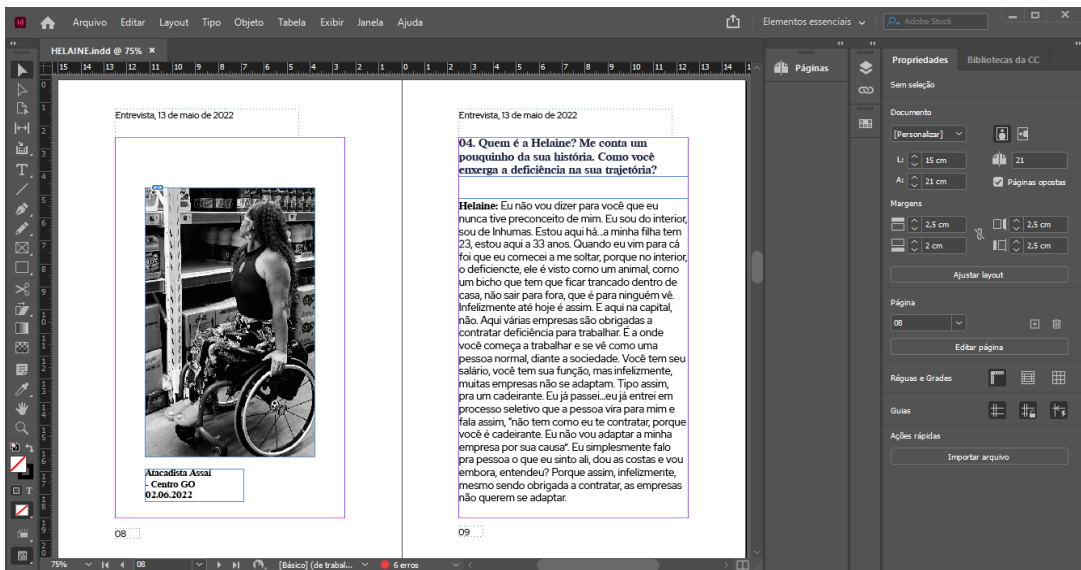
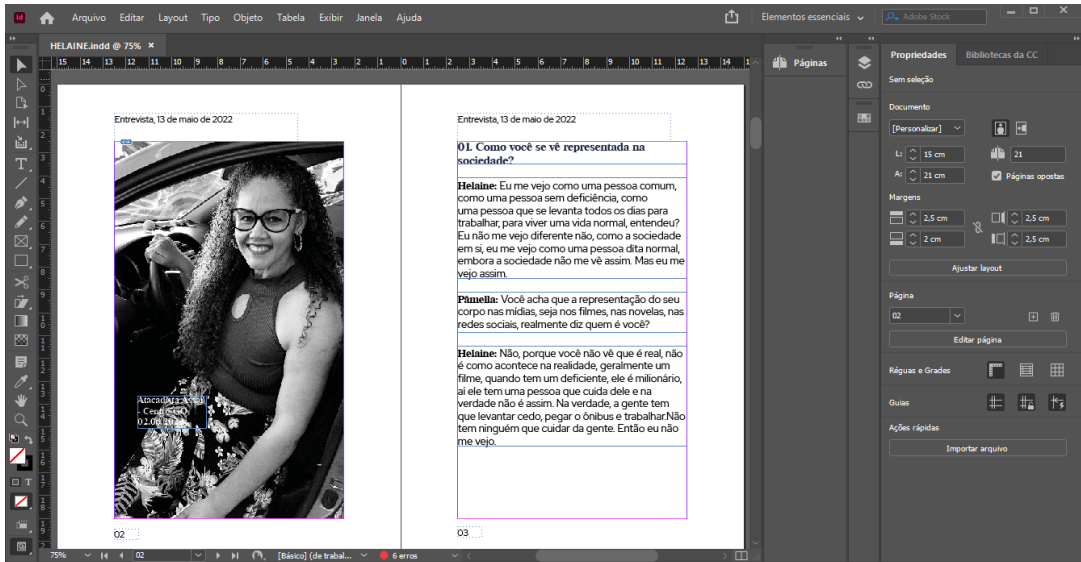
Por fim, um compilado de frases das entrevistadas (10x5cm) no papel couche 180g e cartões postais (15x20cm), papel cartão 300g dentro de um envelope de papel vegetal com autorretratos, ilustrando a visão e relatos sobre a relevância do projeto para elas e a sociedade. Logo o leitor participa ativamente desse processo devido a proposta do livro de atingir experiências distintas e lúdicas, com a junção de diferentes elementos para serem explorados. Cada leitor seguirá o caminho da narrativa que escolher, portanto a experiência já permitirá que ele participe dessa construção.

Figura 34: Desenvolvimentos finais do projeto



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 35: Diagramação



Fonte: Elaborado pela autora

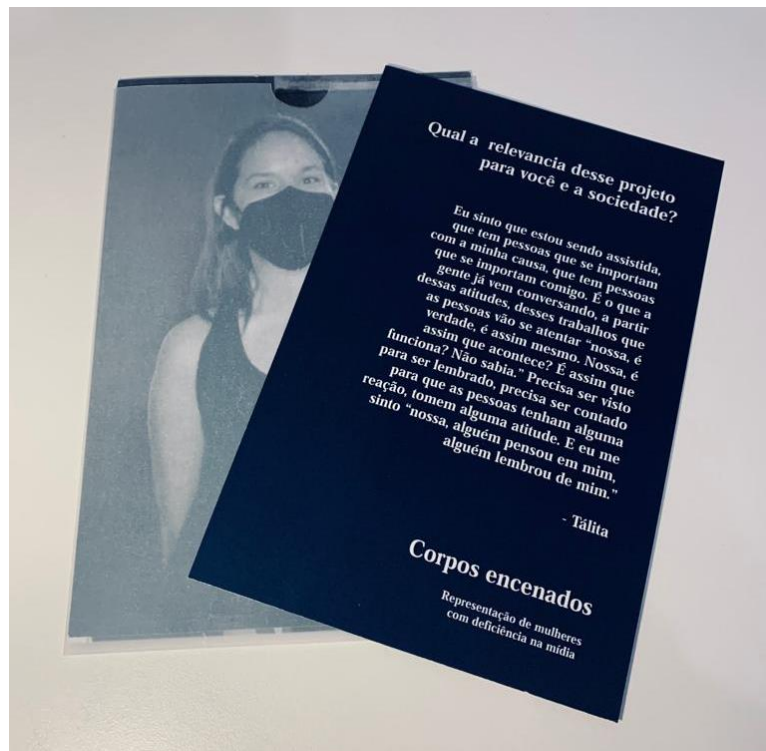
Figura 36: Projeto final



Fonte: caixa de papelão 180g e papel colorplus preto e azul 120g (28x24cm), abrigando 4 livros, 3 cartões postais, 1 monóculo, 1 livreto sanfonado e 1 álbum de fotografias.



Fonte: 4 livros individuais seguindo coloridos, A5 (15x20cm), capa dura em papelão 180g e papel colorplus 120g. Interior de couche fosco 180g, e folha de rosto em papel vergê texturizado 180g.



Fonte: cartões postais (15x20cm) em papel cartão 300g dentro de um envelope de papel vegetal



Fonte: simulação de monóculo (6x4cm) em papel craft e papel couche fosco 180g



Fonte: álbum feito de papel craft, interior com papel couche fosco 180g e colorplus 120g de fotos (16,5x11cm), mais a costura com linha para crochê.



Fonte: livreto sanfonado (10x5cm) no papel couche 180g

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, após a finalização deste trabalho conclui-se que o projeto concretizou parte do aprendizado adquirido durante os 4 anos de graduação, uma vez que foi exigido saberes da área não só relacionada ao design gráfico, mas também ao design de produtos (ideação e prototipagem do produto final) . Portanto, é válida a constatação de que o TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, de fato, completa a minha formação com uma vasta experiência para a vida profissional. Ademais, se tratando do projeto em si, compreendo ter atingido o objetivo proposto no início do trabalho, uma vez que consegui apresentar uma solução para ressignificar a imagem das mulheres com deficiência, assim como a finalização de entrevistas e registros fotográficos.

Torna-se pertinente a menção de que, devido ao tempo de ideação, desenvolvimento e produção do projeto, vigente no período de 1 semestre (2022/1) a fase proposta às entrevistadas para realização de um ensaio fotográfico não pode ser feita, porém encontrou-se outros caminhos visuais a serem seguidos. Além do mais, cabe afirmar que a exploração conceitual do tema não se esgotou. Devido à relevância social para as mulheres com deficiência, no decorrer do desenvolvimento, o trabalho demonstrou que seria plausível a possibilidade de continuidade, mesmo após a entrega do Trabalho de Conclusão de Curso, assim como, considerar as possíveis adequações necessárias, adicionando novas participantes ao projeto e mais cenários sociais, as quais estão inseridas, para serem explorados.

Cabe ressaltar, o compromisso em estabelecer uma postura imparcial de pesquisadora, exigida pela temática, e a responsabilidade social em utilizar o material oferecido pelas mulheres - as entrevistas - por se tratar da experiência de vida reais. Esse projeto me motiva não apenas por proporcionar o autoconhecimento sobre o assunto como também usar o design como ferramenta para transmitir a mensagem e gerar mudanças, entendendo que o futuro pode ser construído coletivamente. Sabe-se que as discussões partiram do desenvolvimento de entrevistas, que começaram como um instrumento de avaliação para a coleta de dados, mas que não foram regidas quanto a sua condução, pelo contrário, exigiu uma desenvoltura e adequações no decorrer do processo, afinal estamos falando de e com pessoas, nesse sentido esse processo se torna vivo e em constante movimento.

Por fim, é com muita satisfação que, em conjunto com o livro experimental, finalizo essa jornada carregada de experiências, descobertas e conhecimento. A escolha do tema se mostrou desafiadora, entretanto, muito rica para minha formação profissional e pessoal. É gratificante contribuir para a representação de mulheres com deficiência, para que suas histórias alcancem mais pessoas. Por esse motivo, acredito que a experiência do livro objeto e da fotografia enquanto meios de transmissão da mensagem, além de serem importantes participantes no processo de reconhecimento podem ainda trazer valorização e reconhecimento dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

Alessandro. Como Explicar o Imaginário Coletivo. In: Da Aula: só sei que tudo pesquisei. São Paulo, Mai, 2021,. Disponível em <https://www.daaula.net/2018/04/imaginario-coletivo.html#google_vignette>. Acesso em 14 de mar. de 2022.

BANDEIRA, A.; CRISTINO, D. Corpos exóticos dissonantes: retóricas visuais e a produção de visualidades. In: ROCHA, C.; NASCIMENTO, H. A. D. SOARES, F. A. A. M. N. (Org). Humanidades digitais : performatividades na cultura digital. Goiânia: Cegraf UFG, 2021. 100 p. : il. – (Coleção Invenções). Disponível em <[Humanidades digitais: performatividades na cultura digital \(ufg.br\)](https://www.ufg.br/humanidades-digitais-performatividades-na-cultura-digital)>. Acesso em 12 de set. de 2021.

BARBOSA, M. R., MATOS, P. M., COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. Psicol. Soc. 23 (1), Abr, 2011. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>>. Acesso em 09 fev. de 2022.

BARROS, D. D. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 2: p. 547-54, maio-ago. 2005. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/xF33tqFH3s4MnxJDR35MwCL/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 12 de set. de 2021.

BOY, J.D., UITERMARK, J. Enclaves de estilo de vida na cidade do Instagram?. In: Social Media+ Society, v. 6, n. 3, 2020. Disponível em <[Enclaves de estilo de vida na Cidade do Instagram? - John D. Boy, Justus Uitermark, 2020 \(sagepub.com\)](https://www.sagepub.com/enclaves-de-estilo-de-vida-na-cidade-do-instagram)>. Acesso em 20 de mar. de 2022.

CASARA, Rubens R.R.; KARAM, Maria Lúcia. Redefinição cênica das salas de audiências e de sessões nos tribunais: Revista de estudos criminais. Ano V – jul./Set. 2005 n. 19. p. 123-124

COLETTI, C. 95% dos deficientes físicos na TV são interpretados por atores sem deficiência, diz estudo. In: OC: Observatório do Cinema. 13 de julho de 2016. Disponível em <[95% dos deficientes físicos na TV são interpretados por atores sem deficiência, diz estudo \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/95-dos-deficientes-fisicos-na-tv-sao-interpretados-por-atores-sem-deficiencia-diz-estudo)>. Acesso em 14 de set. de 2021.

DAMASCENO, V. O.; VIANNA, V. R.; VIANNA, J. M.; LACIO, M.; LIMA, J. R. P.; NOVAES, J. S. Imagem corporal e corpo ideal. *Revista brasileira de ciência e movimento*, v. 14, n. 2, p. 81-94, 2008.

DANTAS, J.B. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v.11, n.3, p.900, 2011.

DOMINGUES, J. E., A beleza da Grécia Antiga ao século XIX. In: *Ensinar História*. 4 de março de 2015. Disponível em <<https://ensinarhistoria.com.br/a-beleza-na-grecia-antiga-e-hoje/>>. Acesso em 22 de mar. de 2022.

FONTES, M. Uma leitura do culto contemporâneo ao corpo. *Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura*, vol.4, n.1 p.117-136. Bahia, jun 2006.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala: formação da família sob o regime da economia*. 51ª edição. São Paulo: Global, 2006(a).

GARCIA, W. *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos*. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2005.

GARLAND-THOMSON, R. *Reshaping, re-thinking, re-defining : feminist disability studies*. Washington, DC; Center for Women Policy Studies, 2021.

_____. *The Politics of Staring: Visual Rhetorics of Disability in Popular Photography*. In.: HIMLEY, M. *Critical Encounters with Texts*. London: Pearson, 2008.

GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. In: _____. *Representações*. Editora Vozes; 20ª edição, 2014.

MICHAUD, Yves. Visualização: o corpo e as artes visuais. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *História do corpo: As mutações do olhar. O século XX*.

Tradução e revisão de Ephrain Ferreira Alves – 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (Volume dirigido por Jean-Jacques Courtine), parte V, cap.4. p. 541 – 565

NASCIMENTO, Amanda. SONHO E PESADELO: Conexões do Surrealismo e do Grotesco. In: 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais. Florianópolis — UDESC, 2008. Disponível em: <[Microsoft Word - 005.doc \(anpap.org.br\)](#)> Acesso em 03 de set. de 2021.

NOVAES, A. (org.). O homem-máquina: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAMARÃO, L. O espetáculo da publicidade: a representação do corpo feminino na mídia. Contemporânea, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 45-57, nov. 2015. ISSN 1806-0498. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17200/12633>>. Acesso em 20 de mar. de 2022.

SENNET, Richard. Carne e pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA, K. da S., BARROS, R. da C. B. C. de., KABENGELE, D. do C., MAXIMIANO-BARRETO, M. A., ACÁCIO, K. H. P. . (2021). Influência da mídia sobre o corpo feminino: uma revisão sistemática. *Interfaces Científicas - Humanas E Sociais*, 9(2), 385–400. Disponível em: <<https://doi.org/10.17564/2316-3801.2021v9n2p385-400>>. Acesso em 19 de mar. de 2022.

TRINCA, Tatiane Pacanaro. O corpo-imagem na cultura do consumo: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado. 2008. 154 f. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/99271>>. Acesso em 09 de mar. de 2021.

VIGARELLO, G. O corpo do Rei. cap 9. In:_____. História do corpo: Da Renascença às Luzes. 5 ed., São Paulo, Editora Vozes, 2017.

MATTOSO, J. C., Juízo de gosto, cap. 3 In: Reflexão e fundamento: A validade universal do juízo de gosto na estética de Kant. PUC-RIO, Rio de Janeiro. Disponível em <[Maxwell \(puc-rio.br\)](#)>. Acesso em 8 de abr. de 2022.

APÊNDICE

ENTREVISTA ANA BEATRIZ

1. Como você se vê representada na sociedade? Você acha que a representação do seu corpo nas diversas mídias existentes realmente diz quem você é?

Ana: Eu assisto novela com a minha mãe, e também assisto no computador, os filmes que passam novos eu não perco por nada.

Vanessa: Quando você vê a novela, lá tem pessoas com síndrome de down assim como você? Você se vê representada?

Ana: Não.

Vanessa: Porque você acha que não tem?

Ana: Porque sou só eu.

Vanessa: Você conseguiria fazer uma novela?

Ana: Eu faço novelas da barbie. Penso o roteiro na minha cabeça.

2. Você já passou por alguma situação de desconforto, preconceito ou falta de acessibilidade em espaços físicos? Como foi essa experiência? Como você se sentiu?

Pâmella: Você sente dificuldade de chegar a algum lugar, de estar em algum lugar, de pedir alguma coisa a alguém?

Ana: Quando eu saio de casa para sair, conversar e passear, onde for, em um shopping, qualquer um, eu faço com essa pessoa, minha mãe. Ela me chama para sair e eu vou junto.

Vanessa: Ela não tem muita barreira física assim e, ela tem uma condição que é diferenciada, ela não precisa pegar ônibus, sair sozinha, ela tem acompanhamento. Isso diminui as barreiras dela por conta do contexto que a gente vive, diferente de outra pessoa com síndrome de down. A barreira que ela disse que sente você é a questão da covid.

Ana: Eu sinto saudade do colégio e dos amigos.

Vanessa: A gente mudou um pouco a rotina, ela completou 18 anos e completou o nono ano. Agora ela está indo por outros caminhos, ela está em dois grupos de dança, tá trabalhando, ela é monitora de dança.

3. O que você gostaria que tivesse no livro que te representasse?

Pâmella: Ana, eu queria que você falasse um objeto ou algo que você goste para ser colocado no livro. Algo que você acha que seja um pouco de você. Algo que as pessoas olhem e pensem “essa é a Ana”. Você consegue pensar em algo que podemos usar?

Ana: Aquele brinquedo, pop it. Aquele de apertar.

Vanessa: E porque você acha que ele parece com você?

Ana: Porque eu gosto de ficar apertando, é macio. Eu tenho vários porque eu gosto, tem um de sereia.

Vanessa: Tem uma coisa que vem dela, porque foi ela que inventou. Nos canais dela, ela criou “Olá sereias, unicornias”.

Ana: Eu gosto de sereias e unicórnios.

4. Quem é você? (Defina em poucas palavras). Conte um pouco da sua história se sentir à vontade Como você enxerga a deficiência na sua história?

Pâmella: Ana você conseguiria falar um pouco sobre você? Quem é você?

Vanessa: Isso, ela faz bastante nas nossas palestras. Fala quem é você? O lado bom e o lado ruim também. O lado bom primeiro.

Ana: O lado bom eu sou fofinha e carinhosa e eu também sou um grude com a minha mãe, o lado ruim eu faço muita bagunça.

Pâmella: Além do seu canal, o que você gosta de fazer?

Ana: Imprimir desenho para pintar

5. Como um fator de identidade? A deficiência é determinante para dizer quem você é?

6. Resumidamente, como é seu dia a dia?

Pâmella: Como é sua rotina? O que você faz como monitora?

Ana: Eu acordo tarde.

Vanessa: Você acorda tarde e quando você vai lá na dança o que você faz? Como você faz a monitoria? Como funciona?

Ana: Dou exercícios. Nas meninas do Quasar eu ensino as danças.

Vanessa: No Quasar elas fazem apresentação inclusiva, convidaram algumas pessoas e a Ana foi uma das selecionadas.

9. Você sabe o que é capacitismo? O que você entende por capacitismo na sua experiência? Como você acredita que o capacitismo, e os olhares afetam sua experiência como pessoa com deficiência no mundo?

Pâmella: Ana, você sabe o que significa a palavra capacitismo?

Ana: Que isso, não conheço

Vanessa: Acho que a outra palavra que tem o mesmo significado ela sabe. Você sabe o que é preconceito?

Ana: Uma pessoa diferente? Autistas, com síndrome de down

Pâmella: Onde você frequenta e as pessoas que você conhece tem preconceito?

Ana: Tô pensando...tô enroscada

Vanessa: Pensa, as pessoas têm preconceito onde a gente vai?

Ana: Como roupa de menino e roupa de menina?

Vanessa: Pode ser. Viu, você relacionou com preconceito. E quando você chega nos espaços, você tem síndrome de down. Você é a Ana Beatriz, que tem um monte de qualidade, um monte de características e tem síndrome de down. Quando você chega nos lugares, as pessoas têm preconceito, alguém já olhou feio, ou falou alguma coisa que você não gostou?

Ana: Claro que não, eles falam, olha lá aquela menina famosa.

Vanessa: Ninguém nunca olhou feio ou fez preconceito com você?

Ana: Não, todo mundo quer tirar foto comigo e autógrafo

Vanessa: E ninguém nunca judiou de você nas escola?

Ana: Nunca.

Vanessa: Nunca? Que bom filha. E porque você acha então que todo mundo quer tirar foto com você, porque não tem pessoas com síndrome de down na novela por exemplo?

Ana: Agora fiquei perdida.

Vanessa: Essas relações estão começando a acontecer, sabe pâmella. Já vivenciou na escola, mas lida muito bem com isso, lida assim...com deboche, deixando pra lá, ignorando...é bem empoderada.

Pâmella: é algo que você também conversa e auxilia, ajuda desde sempre

Vanessa: Mas eu acho que ainda não é consciente, sabe. Eu tenho levado ela nas minhas palestras para ela ir se tornando aos poucos consciente nessas questões. Porque quando estiver mais sozinha, nas atividades, porque a gente tem objetivo que ela trabalhe, que ela tenha autonomia, então ela vai ter que ter noção disso, o que estão fazendo, porque estão fazendo, essa questão do preconceito.

10. Você acredita que mais representações e imagens de pessoas com deficiência ocupando o imaginário social poderia ser um elemento de visibilidade para as discussões relativas aos processos de Inclusão e acessibilidade?

Pâmella: Ana, a gente falou sobre não ter meninas com síndrome de down nos filmes, nas novelas, nos desenhos, nas barbies por exemplo, não tem, quando você compra uma boneca, não tem. Você acha que isso afeta você de alguma forma? Procurar uma boneca que seja parecida com você.

Ana: Tenho o menino igualzinho a síndrome de down

Vanessa: Ela se encontra nos espaços, sabe. Ela tem um Ken bem alto que ela fala que é o Arthur que tem autismo, e ela tem duas barbies cadeirantes. Ela que trouxe pra gente, esse daqui se chama Arthur, ele é autista...porque se chama Arthur? Ele é autista, como o Arthur da minha escola. Na loja que ela encontrou, eu tava atrás e ela encontrou a barbie cadeirante.

Pâmella: Ela estuda com outras crianças que...

Vanessa: Sim, ela estudou até o nono ano no CIEM, que é uma escola inclusiva. Não são turmas especiais, são turmas que tem pessoas com e sem deficiência.

Vanessa: Quando a gente escolheu a bebe reborn dela, ela também escolheu uma de olhinho mais puxadinho ela falou, essa tem síndrome de down.

Vanessa: Outra coisa que você queria, que você se arrumou toda, soltou o cabelão...o que você queria?

Ana: Ter crush

Vanessa: E como tem que ser o crush?

Ana: Lindo e romântico, e forte

Pâmella: Você vai começar o ensino médio agora, Ana?

Vanessa: É...nós estamos pensando, sabe Pâmella. Porque a escola dela que era uma das poucas, pra mim, a única inclusiva daqui de Goiânia, e só é até o nono anos. Ai como ela gosta muito de algumas atividades, né Ana, ela ta escolhendo. Ela gosta de cozinhar, gosta de fotografar, ela fotografa muito bem. Ela tem um livro de fotografia da natureza, ela que fotografa os meus projetos lá na UFG e ela pega uns detalhes...Esses dias ela fotografou, pegou a mão da idosa. Aí a gente tem que descobrir o que ela quer, ou computador que ela também tá mexendo bem no computador, para olhar uns cursos profissionalizantes, sabe. Então em vez de ir pro Ensino Médio...então quem sabe, e a gente também tá fazendo alfabetização lá nas down, tem um projeto bonito de alfabetização para fortalecer a alfabetização dela, e assim, se a

alfabetização caminhar, aí a gente pode voltar atrás e ir pro ensino médio. Mas por enquanto a gente quer que ela se sinta útil, tenha uma atividade profissional, já tem 18 anos, quero que ela amadureça também, porque ela fica “quero namorado”, “mas quero brincar de barbie”.

Ana: Pra ser criança, e ser menina, aí eu brinco com elas

Pâmella: Adorei Ana, adorei te conhecer...vai ter que me ajudar no ensaio em, quero sua ajuda nas fotos. Você está animada para fazer as fotos, ser minha modelo?

Ana: Eu sou modelo, adoro desfilar, eu amo.

Pâmella: Ah, que bom então.

Vanessa: E o que mais você gosta de fotografar? Que você acha assim, que você podia mostrar para as pessoas, que as pessoas acham que você não sabe fazer e você faz bem? O que é?

Ana: uai?

Vanessa: Uai? Tô te perguntando? Ontem na danças, por exemplo, o que você faz de muito bem? Você ficava se mostrando ontem, fazendo o que?

Ana: Fazendo a dança.

Vanessa: é o alongamento, sabe, ela é super alongada, e aí muitas vezes ela gosta de tirar foto fazendo espacate.

ENTREVISTA HELAINE

1. Como você se vê representada na sociedade?

Helaine: Eu me vejo como uma pessoa comum, como uma pessoa sem deficiência, como uma pessoa que se levanta todos os dias para trabalhar, para viver uma vida normal, entendeu? Eu não me vejo diferente não, como a sociedade em si, eu me vejo como uma pessoa dita normal, embora a sociedade não me vê assim. Mas eu me vejo assim

Pâmella: Você acha que a representação do seu corpo nas mídias seja nos filmes, nas novelas, nas redes sociais, Realmente diz quem é você?

Helaine: Eu não entendi muito bem essa pergunta. Da pessoa com deficiência ou a minha pessoa...

Pâmella: A sua pessoa com deficiência. Vamos colocar, por exemplo, quando você assiste um filme e tem uma pessoa com a sua deficiência. Você se sente representada?

Helaine: Não, porque você não vê que é real, não é como acontece na realidade, geralmente um filme, quando tem um deficiente, ele é milionário, aí ele tem uma pessoa que cuida dele e na verdade não é assim. Na verdade, a gente tem que levantar cedo, pegar o ônibus e trabalhar e não tem ninguém que cuidar da gente. Então eu não me vejo.

Pâmella: Interessante esse seu olhar é uma coisa que eu conversei. Eu já tive algumas outras entrevistas e as meninas também falaram sobre a questão de, nem sempre eles dão espaço para pessoas que realmente têm deficiência para fazer um papel. Às vezes pega uma pessoa, e a pessoa interpreta uma pessoa com deficiência. De fato, eles não trazem pessoas com deficiências para fazer o papel. Então acaba tirando espaço de voz.

Helaine: Só tem um tipo de deficiência que eu vejo que é real, é o nanismo. O único deficiente que é real que eles colocam lá para fazer, porque não tem como

Pâmella: Sim, e eles ainda conseguiram fazer um filme em que o Leandro Hassum, eu acho, que eles modificaram para eles ser uma pessoa com nanismo.

Helaine: Eu acho que não achou ninguém que aquele porte bonitão para poder fazer. É só por isso.

2. Você já passou por alguma situação de desconforto, preconceito ou falta de acessibilidade em espaços físicos? Como foi essa experiência? Como você se sentiu?

Pâmella: Helaine, você já passou por alguma situação desconfortável ou algum preconceito ou falta de Acessibilidade nos espaços físicos? Como foi essa experiência?

Helaine: Todos que você falou eu já passei. Todos. Para andar na rua, você tem que andar, disputar espaço com os carros, porque não tem calçada, não tem acessibilidade. Calçada cheio de buraco. Não tem a elevação para você subir a calçada. Agora que o prefeito, não ser o que deu nele, tá fazendo as calçada lá da Goiás. E sim, já vivi isso em locais públicos, sem acessibilidades nenhuma. Ao ponto de você ter que pedir ajuda para poder subir num local, um banheiro sem adaptação que nem a cadeira entra. Aí você tem que deixar a cadeira na porta, deixar a porta aberta, dá um jeitinho de pular...quase quebra o vaso, entendeu? A minha colega quebrou a perna justamente por causa disso, que ela foi pular da cadeira no vaso, e o espaço foi curto e o vaso tava mole. Aquilo ali ela caiu e eu quebrou, então assim foi várias vezes. Eu me sinto muito constrangida, com vergonha, entendeu? Porque assim só a pessoa que trabalha pagam os meus impostos, não é? Não dependo do governo pra sobreviver, então assim, eu acho que ele deveria ter falado um pouco de respeito com a pessoa com deficiência, não é?

Pâmella: E é um direito. Como você falou, se você paga impostos, você tem um direito, assim como qualquer outra pessoa, de estar naquele lugar, de acessar aquele local, então eles têm por obrigação de de assegurar isso, porque se todo mundo pode acessar, todos tem que acessar de alguma forma.

Helaine: Igual, você vai no teatro, gente...não tem como...nem...você tem que ficar lá com a cara desse jeito assim, ó. Se você quiser, fica na frente, ou você fica lá atrás, aí você não enxerga nada. E nossa eu acho que é absurdo.

Pâmella: É complicado mesmo. E como você se sente em relação a isso aí? Acho que você falou um pouco que isso, causa um constrangimento em você. É algo que já te desestabilizou em algum momento?

Helaine: Já me fez chorar, fez me sentir um lixo já, digamos assim. Entendeu? Assim, ao ponto de chorar e sair, eu já fiz barraco também. Eu já fiz barraco de tanto estresse, eu tá tentando acessar uma coisa, eu não consegui... Já, já fiz, na Caixa Econômica Federal, já fiz, porque só tinha escada, o gerente vira para mim “olha, você tem que descer as escadas”. Eu olhei para ele, “você já me viu? Eu estou de cadeira.” Processei, não deu em nada, o banco deve ter comprado o advogar.

Pâmella: Nossa, sério?

Heliane: Coisa do governo, você já viu...

3. Como você enxerga a deficiência na sua história? Como um fator de identidade? A deficiência é determinante para dizer quem você é?

Pâmella: Helaine como fator identidade você acha que a deficiência determina quem você é? Você falou no começo que para você, você é a Helaine.

Helaine: A deficiência não me define, não mesmo. Porque eu, para ser sincera, não me vejo deficiente. Às vezes eu lembro que eu sou deficiente, porque uma pessoa fala que eu sou deficiente, porque assim, eu sou uma pessoa super ágil, super prestativa, trabalho como o melhor do que muitas pessoas. A minha deficiência, jamais me definiu.

Pâmella: Que bom... e quem é a Helaine? Me conta um pouquinho da sua história. Como você enxerga a deficiência na sua trajetória de vida?

Helaine: Eu não vou dizer para você que eu nunca tive preconceito de mim. Eu sou do interior, sou de Inhumas. Estou aqui há... a minha filha tem 23, estou aqui a 33 anos. Quando eu vim para cá foi que eu comecei a me soltar, porque no interior, o deficiente, ele é visto como um animal, como um bicho que tem que ficar trancado dentro de casa, não sair para fora, que é para ninguém vê. Infelizmente até hoje é assim. E aqui na capital, não. Aqui várias empresas estão obrigadas a contratar deficiência para trabalhar. É a onde você começa a trabalhar e se vê como uma pessoa normal, diante a sociedade. Você tem seu salário, você tem sua função, mas infelizmente, muitas empresas não se adaptam. Tipo assim, pra um cadeirante. Eu já passei... eu

já entrei em processo seletivo que a pessoa vira para mim e fala assim, “não tem como eu te contratar, porque você é cadeirante. Eu não vou adaptar a minha empresa por sua causa”. Eu simplesmente falo pra pessoa o que eu sinto ali, dou as costas e vou embora, entendeu? Porque assim, infelizmente, mesmo sendo obrigada a contratar, as empresas não querem se adaptar, pra receber um deficiente.

Pâmella: E também se uma empresa não está disposta a fazer isso, que com certeza vai surgir outras pessoas com deficiência também, é uma empresa que não vale a pena estar, porque ela não tem o menor respeito pelo funcionário.

Helaine: Concordo com você plenamente, mas infelizmente os empresários não pensam assim. Eles têm o deficiente, para ser sincero, por obrigação, porque assim, eles podem passar até 3 anos pagando a multa por não contratar deficientes. Depois disso, são obrigados a contratar. Te contrata, depois vai te mando embora só por questão de lei. Já passei por isso.

Pâmella: É uma realidade muito triste mesmo.

Helaine: Não pior que a pessoa chegou e me falou “a gente só contratou vocês deficiente, porque a lei nos obriga. Porque contratar deficiente é muito complicado” aí eu fiquei...

Pâmella: Infelizmente ainda tem pessoas que são assim, né? A gente fala pleno século 21, ainda tem pessoas...e tem muitas pessoas que são assim. Tem muitas pessoas que são racistas, tem muitas pessoas que são homofóbicas, tem muitas pessoas que tem zero empatia pelo outro.

Helaine: Ontem mesmo eu estava ali pela 44, tinham dois rapazes, que pegou e falou “a cadeirante, não sei o que, não sei que, empurrado com anão”, meu marido é um anão. Há, meu marido voltou querendo brigar, aí eu falei “ai Naldo, nem compensação, essas pessoas são pobres de espírito, pobre de cabeça, de tudo, não compensa”. Infelizmente, a sociedade ainda tem muito preconceito e não vai mudar.

Pâmella: É, realmente, um caminho muito complicado, né? Às vezes a gente acha que está evoluindo, mas tem dia que eu fico “gente, então estamos retrocedendo”. Estamos retrocedendo porque tem muita coisa absurda, principalmente na internet. A gente vê muitas pessoas disseminando o ódio.

Heliane: Eu prefiro nem ver, porque para me gerar algo ruim no coração

Pâmella: sim, e é como você falou em muitos momentos a gente deixa passar, não se posiciona para não continuar, não nutre aquilo, aquela situação.

6. Resumidamente, como é seu dia a dia?

Helaine: O meu dia a dia começa às 4:30 da manhã. Eu levanto às 4:30 eu vou para o serviço a 5, entro 5:30 trabalho até meio-dia, saio meio-dia vou para outro serviço que entra a 13h e saio às 19h. Agora não, porque adquiri umas tendinites da vida aqui nos ombros, uma desnervação no músculo de usar muleta, tanto que meu médico me proibiu, tirou a muleta de mim, agora passou para a cadeira. Então é o que eu te falei, a empresa que eu trabalho não aceita cadeirante.

Pamella: Aí, é um problema.

Helaine: Um problema. Não para mim, pra eles, que vão ter que se envolver.

7. Como você percebe a acessibilidade nos espaços físicos? Me fale de forma sucinta como você se sente (ou se vê) nos espaços comuns não acessíveis?

8. Você considera que o seu corpo é aceito nos espaços que você ocupa?

Pâmella: Helaine, qual que é...você falou que usa transporte público para se locomover, é o transporte público. Como é para você?

Helaine: Agora, ultimamente, eu não estou usando, Deus me abençoe com carrinho 2005. Quando eu ainda preciso, às vezes quando meu marido está trabalhando, aí eu vou de ônibus, para mim não tem nenhum problema, o motorista que não gosta. Quando ele vê um cadeirante, minha filha, você vê que eles mudam a feição na hora, na hora, eles odeiam carregar deficiente. Não vou generalizar dizendo que são todos mais de 100 você tira 2 que carregam você com prazer, que você vê que é prazer. Aí eu pergunto, “você tem deficiente na família?”, “Ele fala tem”, tá explicado, não é?

Pâmella: Quando o pessoal convive, a pessoa se torna um pouco mais empática.

Helaine: É porque ela convive com a pessoa, ela sabe como que é difícil. Não é fácil você sair da tua casa, empurrando cadeira, dar com a mão pro ônibus... Várias vezes me deixou para trás. Entendeu? E não foi 1 nem 2, tanto que eu já cheguei a processar a empresa de ônibus por causa disso. Aqui no meu setor não tenho esse problema, porque eu processei foi esse mesmo, aí quando eles me veem, minha filha, pode tá chovendo canivete, eles para, não me deixe pra trás.

Pâmella: Infelizmente pelo motivo errado, né? Não pelo motivo humanitário, de ser humano.

Helaine: Eu fiz isso, porque o motorista, no Ponto Final, deixou todo mundo entrar e eu fiquei na frente do ônibus para falar pra ele que eu precisava, que eu tinha que trabalhar. Ele falou que não ia me levar porque o ônibus estava cheio. Aí eu filmei. Uma colega filmou, me deu, mandou o vídeo, eu entrei com um processo, ganhei, ele ia passar por cima de mim, tu acredita? Acho que ele tava com tanta raiva, ia passar por cima de mim, peguei e fui embora. Aí, depois disso, ele pagou do bolso dele o que eu...e a empresa foi multada porque tem vários elevadores estragados. Depois disso, os elevadores não são mais estragados, e os motoristas, todos pega deficientes, ainda mais se for eu. Mas eu fiz isso, foi por raiva, foi por discriminação.

Pâmella: Olha, a gente ri, mas não é...porque tem coisas na vida que a gente tem que levar com leveza. É como eu falei, fizeram, estão fazendo não por um motivo correto, é pelo motivo de obrigação. Não deveria ser assim, você é cidadão com todos os outros, você tem seus direitos.

Helaine: Posso não pagar ônibus mas, eles são isentos de taxas por carregar deficiente e idosos, então eles não carregam de graça, eles ganham com isso.

9. Você sabe o que é capacitismo? O que você entende por capacitismo na sua experiência? Como você acredita que o capacitismo, e os olhares afetam sua experiência como pessoa com deficiência no mundo?

Heliane: Eu ia te perguntar essa palavra, eu sou meio ignorante pra essas coisas

Pâmella: Capacitismo...o sinônimo de capacitismo é o preconceito. É uma palavra, mas bonita para o preconceito, e pelo preconceito, o que você entende dele na sua experiência de vida.

Helaine: Eu entendo que são pessoas ...quem tem assim...eu já, eu já tive preconceito dentro da minha própria família. Meu pai, por exemplo, ele não me aceitava por eu ser deficiente. Ele só me chamava de alejar. Então, o preconceito ele vem dentro da sua própria família. Deu aí acho que esse é o que dói mais, né? É, eu tive sim. Preconceito, não tanto só da família, não só do pai, da mãe...é, das pessoas que estão à minha volta, das pessoas na rua, igual eu te falei dos dois rapazes, com certeza eles têm preconceito, ou fobia, sei lá o que é, mas assim enfrentei sim. Não é muito bom. Uma coisa muito doída e é uma coisa que você carrega para o resto da sua vida, que pode vim a te causar uma depressão, uma ansiedade, é muito triste. Eu já fiz tratamento e faço até hoje por causa desse preconceito que não sai de dentro de mim, é uma mágoa que ela fica pro resto da sua vida. Ela não sai de mim, porque você fica lembrando que são pessoas que eram para te apoiar, da forma que você é. Meu pai não morava com a minha mãe, aí ele era meio assim...mas eu o perdoei. Agora eu só preciso tirar isso...que tá dentro de mim, mas já teve pior. Graças a Deus...

Pâmella: É você sente que esse preconceito que as pessoas tiveram com você, no decorrer da sua vida, moldou um pouco sobre você, porque você falou que é uma mágoa, que você ainda carrega. Então, você acha que ainda continua sendo parte de você?

Helaine: De uma certa forma, sim, mas isso me deu garra e força para ser o que eu sou hoje, entendeu? Para deixar de ser aquela pessoa vista como coitadinha para a sociedade. Hoje eu sou uma pessoa guerreira, sou uma pessoa que, igual eu te falei, não me não me vejo coitadinha, não me vejo deficiente, me vejo uma pessoa eficiente, como...sou melhor do que muita gente que tá aí no mercado, hoje sou eficiente, eu não sou deficiente.

10. Você acredita que mais representações e imagens de pessoas com deficiência ocupando o imaginário social poderia ser um elemento de visibilidade para as discussões relativas aos processos de Inclusão e acessibilidade?

Pâmella: Com certeza, com certeza. Você acredita que se houvesse mais pessoas com deficiência ocupando espaços importantes, seja um espaço político ou, hoje que a gente tem muita referência de blogueiros de influências, pessoas da novela, pessoas em cargos importantes, em um cargo de diretoria, por exemplo. Isso traria um processo de inclusão e acessibilidade das pessoas?

Helaine: Olha, depende muito do caráter da pessoa. Se a pessoa se colocasse no lugar, vamos supor assim, colocar um deficiente que vem lá de baixo, que dependia de ônibus para andar para se locomover, que passou por dificuldades. Eu digo para você que sim. Se ele não esquecesse a raiz dele, porque tem deficientes assim, tem deficientes lá na polícia federal, tem deficiente nesses cargos assim, mas que na verdade não faz nada você, entendeu?

Pâmella: E você acha que essas pessoas que estão ocupando esses espaços, esses locais, esses cargos, acaba trazendo uma ideia de mais aceitação das outras pessoas?

Helaine: Depende. Eu acho que sim, eu quero acreditar que sim.

Pâmella: Se a gente visse mais pessoas com deficiência na novela, por exemplo, você acha que teria, aconteceria o que aconteceu com você e o seu esposo, de vocês estarem na rua e pessoas ainda olharem com aquele olhar?

Helaine: Eu acho que não, mas eu acho que eles não vão colocar pessoas em novelas, pessoas deficiente...é por causa de estética, eles olham muito isso. É o máximo que você vê um cadeirante é uma propaganda. Igual tá tendo nesse mês amarelo, né? Eu já vi cadeirante fazendo propaganda na faixa de pedestre, mas questão em novela eles colocam deficientes, eles colocam autista, eles colocam deficiente, assim, mais vamos dizer, “leves”, entendeu? Mas cadeirante, que eu me lembre, foi só uma, que foi aquela que sofreu um acidente e ficou paraplégica. E que por sinal, ela interpretou muito bem, e foi muito real o que ela interpretou. Foi só o que eu me lembro.

Pamella: Você falou sobre essa questão como eles fazem a imagem da pessoa com deficiência. No decorrer dos meus estudos, eu me deparei com uma autora que traz as retóricas visuais que as pessoas usam. É aí, você falou sobre a publicidade, por exemplo, em propagandas que eles trazem pessoas com deficiência, essa é uma retórica que é usada. É a retórica de “olha só aquela pessoa com deficiência, então a gente tem que ser empático e tenho que ajudar aquela pessoa, sabe?”. São coisas assim que acabam moldando a visão que a sociedade tem sobre a pessoa com deficiência, porque a partir do momento em que você retrata a pessoa com deficiência de certa maneira, isso vai se repetindo, vai repetindo a pessoa que está lá atrás assistindo, ela vai repetir...A imagem que nós temos dos outros é uma construção coletiva de alguma forma.

“Você vê a pessoa com deficiência dessa forma? Porquê?” porque , coletivamente, várias outras pessoas vêm eles dessa forma e ficam trazendo essa forma, essa retórica...É muito legal você trazer essa sua percepção sobre a visão das pessoas, como seriam pessoas com deficiência em cargos de poder com mais visibilidade e você acredita que isso não faria tanta diferença.

Helaine: Olha, eu acredito que não, se ele não, se não se colocasse no lugar para que eles, dos que precisam realmente, não faria muita diferença. E vocês sabem que eu não estou mentindo.

Pâmella: Às vezes a pessoa esquece o que é mais importante do que estar numa posição de poder, e era o momento dela fazer a diferença, e muitas vezes não faz.

Heliane: Com medo de perder o salário que ganhou o cargo que ganha. Eu não sei.

11. Você acredita que a representatividade de pessoas com deficiência pode levar a mais discussões sobre as barreiras impostas pela sociedade no que diz respeito à Inclusão?

Pâmella: Você acredita que, ainda sobre essa questão de ter mais representatividade de pessoas com deficiência, podem romper barreiras e levar a sociedade a discutir mais sobre inclusão?

Helaine: Acho que sim. Assim, nossa, meu sonho era poder andar numa calçada. Meu sonho era poder voltar a usar o transporte público. O meu sonho era poder ser vista na sociedade como uma pessoa normal. Ser vista como uma pessoa digna de qualquer respeito, como qualquer outra pessoa. Mas, meu sonho era esse. Eu sei, eu posso chegar a não ver isso, mas um dia minha filha com os netos, sei lá, vai. Vai conseguir ver isso, sabe? Vai falar “Oh, minha mãe tinha essa vontade”, mas eu acho que isso um dia vai acontecer.

Pâmella: Também acho. E eu acho que se mais pessoas trouxerem essa visão que eu, por exemplo, estou propondo no meu projeto, eu acho que fica mais fácil da gente imaginar o mundo que realmente têm a isso, que as pessoas realmente pensem mais sobre a inclusão e sobre a acessibilidade.

12. Qual a relevância desse projeto para você e a sociedade?

Helaine: A relevância é que você consiga levar para a sociedade aquilo que a gente acabou de falar: respeito, dignidade, não ao preconceito, acessibilidade, que as pessoas possam nos ver como cidadãos normais, não como uns coitadinhos. Que nos respeite. Pela pessoa que somos e não pela deficiência, não pela cadeira, não pela muleta. Por respeito mesmo da pessoa que nós somos. Assim eu espero. Vai dar certo.

Finalizar: Fiquei muito contente com as entrevistas, agradeço a participação de cada uma das mulheres que se dispuseram a contar suas histórias para mim. Foi uma experiência de crescimento como pessoa e como profissional. Espero colaborar com a mudança de visão que as pessoas têm sobre pessoas com deficiência.

ENTREVISTA LUANA

1. Como você se vê representada na sociedade?

Luana: Então, essa é uma pergunta complicada de se responder dentro da minha história de vida, a minha relação com o outro. Porque na minha formação, inicial, de ensino médio e tal, a inclusão era muito pouca debatida, quase não se tinha inclusão, então quando eu chego nos tempos modernos de hoje, que essa palavra tá tão em voga, eu sinto muita dificuldade de me ver nesse lugar de participação inclusiva, porque pra mim eu existo, eu não sou incluída, eu sou parte da sociedade, então fica difícil ter um olhar nessa perspectiva.

Pâmella: Entendi, na perspectiva de ser representada, porque na sua vivência foi muito pouco que você sentiu isso. **Você acha que a representação do seu corpo nas diversas mídias existentes realmente diz quem você é?**

Luana: Ai, essa pergunta é complicadinha. Porque eu comecei a me descobrir a pouco tempo, tem uns 5 anos. Então pra quem nasceu assim, hoje eu tenho 30 anos, então é muito pouco tempo de experiência comigo mesma nesse lugar de se falar de um corpo que me represente. Talvez enquanto corpo não consiga me localizar ainda, não sei se eu me represento, ou se de fato eu sou. Eu opto sempre por ser. Mas eu sinto uma carência muito grande quando se fala principalmente nesse campo da arte em contato com a mídia, porque a maioria das vezes é uma pessoa sem deficiência, sem o código que há limite socialmente, representando um que tem necessariamente esse código, que é parte da vivência dele, então soa realmente representativo. Por isso, quando eu falo “eu não me represento”, “eu sou” é justamente nessa questão, pois representar é fácil perante a realidade que cada um se encontra.

Pâmella: Essa é uma barreira muito grande que tem principalmente na mídia, nos filmes. A gente vê, por exemplo, pessoas que não têm deficiência, interpretando pessoas com deficiência. Então, assim, não é uma oportunidade que se dá para a pessoa que realmente tem o espaço de fala, que tem a vivência.

Luana: Sim, e o meu papel questionador é justamente pela falta desse espaço. Não é questionando o trabalho do colega, o trabalho dele pode até assemelhar ao meu modo de vida, “mas e aí?” eu que vivo, a onde eu tenho esse espaço para expor eu mesma?

2. Luana, você já passou por alguma situação de desconforto, preconceito ou falta de acessibilidade em espaços físicos? Como foi essa experiência? Como você se sentiu?

Luana: Sim, como eu mencionei, na minha época de formação não tinha a palavra inclusão em voga eu tive preconceitos por parte de professores, a maioria da minha fase enquanto educação, foi marcada por professores que não me aceitavam, me agredia verbalmente, por professor que me agredia fisicamente, teve professor que por eu ter perguntado mais de duas vezes uma pergunta, ele não se achava na obrigação de responder, ele não tinha essa responsabilidade com o meu não entendimento, então ele já chegou a perder a paciência pegar eu com cabelo e tudo e tacar eu no corredor, colocar no corredor. Então a fase da formação foi uma fase muito marcante pra mim enquanto preconceito. Acho que por isso que agora que eu atingi um nível intelectual mais consciente que eu consigo tá me percebendo nesses lugares.

Pâmella: Entendi. Por isso é tão relevante trazer essa discussão por meio da nossa formação, sobre essa situação. Porque o conhecimento, a fala ela rompe barreiras. Como você falou, na sua época de formação, não era falado, então as pessoas não tinham empatia, não tinham o olhar para lidar, e lidavam da pior forma possível, e isso marca negativamente a vida de qualquer pessoa.

Luana: Sim, e hoje eu tenho uma compreensão que eu não deve guardar nem rancor do meu passado, porque realmente o conhecimento não chegava. Eu tenho um conceito de conhecimento que ele só acontece quando há uma troca, se não tem troca é uma repetição, é um conteúdo por conteúdo. Então eu sentia, eu estava na escola em fase de desenvolvimento, mas eu estava me desenvolvendo no conteúdo, e não enquanto ser social, participante de uma sociedade.

Pâmella: Com o pensamento crítico, sobre tudo aquilo que tava acontecendo com você, sobre a sua vivência. Como parte integrante da sociedade.

3. Luana, no meu projeto eu vou fazer o ensaio fotográfico e eu quero fazer um livro objeto com essa imagens, entrevista, um livro em que as pessoas que tiverem contato com ele também possa ter um olhar, assim como eu estou propondo um olhar para a fotografia, fazendo o ensaio com vocês, eu quero que a pessoa também tenha acesso aquela imagem e possa olhar aquela imagem e ver a história de vocês, sentir um pouco a história de vocês. E eu queria trazer algo

que lembrasse cada uma de vocês nesse livro, então o que você acha que poderia ter nele que te representasse? Um objeto, qualquer coisa, uma música, uma poesia. Qualquer coisa que você olha e pensa “isso me representa”, algo que seria interessante para quando uma pessoa, o leitor pegasse esse livro e conseguisse enxergar um pouco sobre “como eu quero ser representada”, “como eu quero ser vista”.

Luana: Algo que tá muito forte, se você quiser eu posso até relatar isso pra você, documentar certinho. Algo que tá muito forte em mim nesse período inclusivo que eu enfrento, é porque eu descobri que como a minha distonia parte do braço, o meu braço tem movimentos involuntários que eu não consigo controlar, então às vezes ele tá paradinho, e as vezes ele vai para um caminho que eu não do conta de reverter a situação. Ai devido os preconceitos, eu tinha muita vergonha dele e isso foi criando um sentimento em mim que criou forma no corpo sem que eu percebesse. O que acontece, o braço ficou quieto mas ele vai para trás, ele se esconde no corpo, é como se eu não tivesse a mão, e agora com contato com o conhecimento, com a arte, com a academia em si, e com uma amiga que me questionou “Uai, pera ai. Você prefere se ver na foto sem braço ou com braço”, e isso marcou, porque eu não tinha consciência que eu tirava foto a vida toda sem braço. Pra mim era carregar um membro morto no corpo vivo, porque não tinha função nenhuma e agora de dois anos pra cá eu pude perceber que eu tenho um braço, que pode ser funcional e pode ter a sua criatividade, viver livremente.

Pâmella: E tudo partiu de um questionamento de uma pessoa próxima de você, porque até então era uma situação que nem você tinha percebido que acontecia. Porque foi desenvolvendo internamente em você, e você foi colocando de uma forma em que aquilo fosse “não exposto”, então você internalizou aquilo pra você, e quando foi posta a pergunta, você percebeu que era algo que não precisava acontecer.

Luana: Sim, foi parte de uma construção social e não individual, do meu corpo comigo mesma. Nem eu sentia que tava no meu corpo, eu sentia um incômodo, mas o porquê desse incômodo não era tão real pra mim.

Pâmella: O incômodo são os olhares, é o que você falou, parte de uma construção social, uma coisa que acontece a partir do olhar que o outro tem sobre você. Porque muito sobre a identidade é isso, identidade é muito sobre como você se vê, como o outro te vê, como você percebe isso, então é aí que a gente vai montando a nossa identidade.

4. Quem é você? (Defina em poucas palavras). Como você enxerga a deficiência na sua história?

Luana: Quem é a Luana? Eu costumo dizer que eu sou sendo. Tem uma professora amiga minha, me deu aula de teatro, hoje compartilhamos uma amizade maravilhosa. A Joana d'Arc do Narratividade, Grupo Narratividade. Uma vez ela falou assim pra mim “ser é estar, ser e estar”, então a partir do momento em que eu me encontro com essas palavras, as palavras são coisa no meu mundo, na minha reflexão de vida que me impacta muito, eu tenho muita dificuldade de lidar com uma palavra que é dita, e não era para ser dita, e eu entendo que ela é dita mesmo, do que algum gesto. A palavra me impacta mais. Então desde o momento que ela falou que ser é estar, eu me perguntei “quem eu sou, esse ser que esta?”, “quem sou eu dentro desse contexto” e pude perceber que eu quem faço o meu momento, eu que digo o meu caminho. Eu costumo até falar “Não. Não vem me dá conselho se não é a minha referência. Tem que ser melhor do que eu pra me dar conselho.” Eu não aceito! Não é uma questão de ignorância, mas se quer aconselhar bem que seja melhor do que o próprio conselho, e onde vem aquela parada, “conselho se fosse bom, não era de graça.” Hoje a Luana procura ser e estar em todo momento, tanto é que o povo fala que eu sou muito questionadora, tudo eu quero um porque, tudo eu preciso de uma resposta, mas não é. Eu preciso me entender nesse lugar, pra mim poder ajudar o outro a me entender no lugar dele. Eu sempre falo, inclusão é uma via de mão dupla se eu tenho inclusão, e preciso me incluir mesmo não concordando com a ideia de ser inclusa, eu tenho que compartilhar a minha forma de ver o mundo com o outro, então eu procuro sempre ser. Eles me chamam de teimosa, cabeça dura, mas não é. Eu falo “argumenta, se me vencer no argumento pode levar...”, aí fica uma luta justa, o que não falta aqui é argumento.

Pâmella: Adorei Luana, a forma como você trouxe a percepção de quem é você. Você é o estar, é o momento em que você está, é se descobrir, é questionar, é entender o seu local, o seu espaço, o espaço do outro, e essa troca mesmo...

Luana: É, eu não vou chegar me impondo, sendo que eu não quero ser posta. Como eu chego impondo alguma coisa sendo que eu não quero ser colocada? Eu quero ser levada, eu quero participar da construção desse caminho, não quero o caminho construído pra mim. Eu quero fazer com que ele seja uma construção, e pra isso enquanto Luana, eu tenho que perguntar, eu tenho que questionar, eu tenho que ser e estar naquele momento, me fazer presente.

Pâmella: É exatamente isso que eu quero. Quero que vocês tenham essa participação. Meu projeto por mais que é uma coisa que se limita apenas apenas ao TCC ele ainda tem essa carga de querer que vocês participem, porque ninguém melhor do que vocês, do que vocês para falar como vocês querem trilhar esse caminho, essa visão, esse olhar. Porque é o momento de vocês, o espaço de vocês, é o olhar de vocês e a vivência de vocês.

Luana: Eu agradeço pela troca, porque eu achei que ia ser mais padrão, e responde..., eu faço a entrevista, você responde e não tem esse diálogo, era mais uma comunicação formal, não que a nossa comunicação fuja de uma formalidade, mas é no sentido de saber o contexto, de querer instigar da onde vem a resposta e não colocar uma resposta pronta.

Pâmella: Sim, e não tem resposta pronta, não tem resposta errada. Eu to aqui como você falou, pra instigar é pra ser curiosa, é pra questionar, é pra perguntar, porque eu não tenho como falar como é, eu não tenho como impor se está certo ou errado, eu tenho realmente que escutar e absorver o que vocês tem pra contribuir que é muito rico, pq é a vivência de vocês, é a experiência do dia a dia, do cotidiano, uma coisa que eu não vou entender apenas em uma conversa.

Luana: Uhum, nem nós nos entendemos. É uma construção, dia após dia. Nada vem pronto.

5. Como um fator de identidade? A deficiência é determinante para dizer quem você é?

Pâmella: **Como você enxerga a deficiência na sua história? Você enxerga como um fator de identidade, algo que determina quem você é?**

Luana: Eu não gosto, por exemplo, eu estou me adaptando, mas eu não gostava de ter um projeto de arte, que é com o que eu trabalho, e falar “ah é pessoa com deficiência tem a vaga garantida” isso me, sempre me incomodou, aquela frase também “deficiência, eficiente”, tá. Eu sou eficiente só porque eu parto de uma deficiência? Cadê o meu eu, cadê o meu conhecimento? Cadê minha crítica? Cadê a minha construção de vida? Ela se limita só à minha deficiência? É só a deficiência que me motiva a concorrer no mercado de trabalho? A concorrer na escola, a ter uma vaga em um curso? Mas por outro lado é uma coisa justa né, porque as nossas lutas são limitadas de certa forma, nem tudo é possível. Então eu fico nesse dois entre. Como eu te falei

eu sou muito do “porque?”, então eu não vou garantir algo como pessoa com deficiência só porque eu tenho a deficiência, eu vou garantir porque eu tenho a segurança, a certeza, que aquilo vai valer a pena pra mim. Então realmente é algo que me constrange quando fala “ah, você tem deficiência, tem a vaga reservada”, “você é deficiente tem direito ao banco em um ônibus”, por exemplo. É complicado a dualidade.

Pâmella: É complicado realmente. Eu entendi que é uma batalha interna, mas você não vê ela como uma fator que determina a sua identidade, você é a Luana, não é algo que faça parte, você está e você é.

Luana: É, com ou sem deficiência eu sou a Luana, quero que enxerguem o todo e não partes da Luana.

6. Resumidamente, como é seu dia a dia?

Luana: Bom, eu sou muito ativa enquanto estudo né, na minha área da arte. Então eu sou daquelas que só fala “não!”, se eu chegar e falar “não do conta, não consigo”, é porque realmente não dá, eu não consigo. Eu me considero muito...eu falo assim “sou muito metódica”, geralmente tem um horário pra dormir e pra acordar, tem horário pra ir no banheiro, tenho horário pra fazer isso e fazer aquilo, mas por um outro lado meu corpo me exige uma criatividade constante, porque eu tenho que lidar com as adaptações tem dia que a minha mão tá pra frente, tem dia que ela tá só pra trás, tem dia que ela treme muito, não consigo pegar quase nada com o apoio dela, tem dia que eu não tenho movimento nenhum. Então por mais que eu deteste, o improviso, a adaptação, eu tento ter uma linearidade na organização eu não consigo, então eu acho isso muito legal, porque desenvolve o meu lado criativo que eu acho que eu não tenho.

Pâmella: Então o seu dia não é uma rotina linear, é realmente diferente a sua vida cotidiana porque ela tem limitações diárias diferentes, todos os dias você tem que se adaptar.

Luana: Tanto na percepção, algo que eu trabalho muito pra me conhecer corporalmente, perceber tudo, eu não era atenta a isso, aí a medida que falaram que o meu corpo, não, que o meu braço morto estava em um corpo vivo, por ele não ser parte do meu corpo ser apenas um corpo a ser carregado, eu passei a perceber as coisas, me deu um estalo, sabe. “Pera, eu vou

fazer isso de tal forma porque o meu braço consegue agir de tal forma”, o meu braço tem uma mobilidade, ele não é imóvel, então eu tenho que saber lidar com isso. Por isso que o meu dia a dia por mais que ele tenha uma programação, ele é sempre surpresa, ele é sempre um desafio a ser encarado, até comigo mesmo, porque eu sou muito certinha, é razão, povo fala que eu sou mais razão do que emoção, falam que eu não tenho coração, mas não é isso, é porque eu preciso sentir o porque, eu preciso de respostas. Vivo minha vida toda, o meu cotidiano em busca das respostas, tanto pra mim pessoal quanto pro coletivo.

Pâmella: É uma dualidade né, ao mesmo tempo que você é uma pessoa organizada, uma pessoa que programa demais, é uma coisa que não dá pra acontecer, então você tem que se adaptar. É duas personalidades em uma só.

7. Como você percebe a acessibilidade nos espaços físicos? Me fale de forma sucinta como você se sente (ou se vê) nos espaços comuns não acessíveis?

Pâmella: A maioria dos lugares que você frequenta são acessíveis, como você percebe essa acessibilidade e essa preocupação?

Luana: Você fala em termos da arquitetura? Então...eu não tenho tanta dificuldade com a questão arquitetônica. Eu acho que ela não toca muito em mim, no sentido de não me sentir parte daquele lugar, até porque é tudo improvisado pra mim né. E eu sempre gosto disso, porque eu sou uma pessoa que gosta de desafio, então eu acho que isso não chega pra mim como “eu preciso de uma adaptação para estar naquele lugar”, geralmente eu consigo o inverso, eu me adapto ao lugar. É lógico que tem as suas questões de lei, que tem que ser cumprida, mas eu não sou muito taxativa com isso não.

Pâmella: Aham, então pra você a questão da acessibilidade nos ambientes não é algo que te limita as vezes em estar presente lá?

Luana: Não, não me limita. Não limita fisicamente mesmo, não interfere

8. Você considera que o seu corpo é aceito nos espaços que você ocupa?

Pâmella: Você se sente aceita...parte integrada daquele local? Porque como você falou, você se adapta para estar lá, é uma coisa complicada, porque você falou que se adapta mas não deveria ser assim, você já deveria se sentir parte daquilo sem precisar fazer nada para se sentir, não é?!

Luana: Sim. As minhas inquietações nesses locais que me constroem, geralmente, são os olhares pro meu corpo, porque a minha deficiência não é muito comum de se ver, então as vezes ela é percebida e as vezes não, e isso, eu sempre entro em diálogo comigo “porque eu estou achando bom não ser percebida enquanto deficiente, e o porque eu quero ser percebida enquanto deficiente?”, entende? É uma questão a ser resolvida, é um corpo que está em processo, mas eu acredito na formação que o meu corpo não é deficiente, ele possui uma limitação, mas ele vem de uma construção corpórea diversa, ela não precisa ser padronizada para me sentir bem com aquilo. Às vezes o olhar da pessoa me incomoda, o olhar de nojo quando eu entro no ônibus, por exemplo, ou tem o olhar de nojo ou uma de coitadinha, piedade, então isso me constroem muito mais, a sensação me toca muito mais de compartilhar aquele ambiente com as pessoas do que a própria arquitetura. A arquitetura eu consigo lidar, porque eu jogo, se ela não responder, eu jogo de novo...e as pessoas? Eu jogo e muitas das vezes eu não tenho resposta.

Pâmella: As pessoas, muitas das vezes, parte do primeiro olhar, o primeiro olhar é aquele, a percepção que se tem, é tudo uma questão de construção social. Se socialmente a gente tem esse olhar, é uma coisa que vai acontecer de vários jeitos, de várias formas e várias vezes. Eu acho que você acabou respondendo a minha próxima questão que é sobre o capacitismo, como os olhares afetam a sua experiência. Como você falou, a questão da mobilidade, do espaço, os desafios do dia a dia são coisas que você acaba lidando, mas o que mais toca é realmente o olhar, o olhar afeta a gente, machuca, porque é difícil mudar o olhar da pessoa...

9. Você sabe o que é capacitismo? O que você entende por capacitismo na sua experiência? Como você acredita que o capacitismo, e os olhares afetam sua experiência como pessoa com deficiência no mundo?

Luana: Geralmente, eu sou a coitadinha, e não sou a Luana, entendeu? Fica difícil, porque quando a resposta vem, ou ela vem com o tom de diminuição, um zelo exagerado, ou ela não vem de maneira nenhuma, então como lidar com esse choque emocional, com esse psicológico em um lugar que era pra ser coletivo e de troca e se deparar com esse lado privado das pessoas.

Pâmella: Quando você fala que as pessoas olham primeiro, não é a Luana. Entra muito naquilo que você falou: o que sobressai é a deficiência, não é você, é só uma parte pequena que faz parte de você.

10. Você acredita que mais representações e imagens de pessoas com deficiência ocupando o imaginário social poderia ser um elemento de visibilidade para as discussões relativas aos processos de Inclusão e acessibilidade?

Luana: Poderia, desde que ela não seja imposta, que ela seja orgânica, que ela segue um fluxo, porque às vezes você quer valorizar um corpo diferente, deficiente e coloca aquele corpo como exposição, “olha, aquele corpo é diferente de você”, não! Como dialogar com essa diferença que pode ser algo que se completa, e não algo que se retrai? Que trabalhe o individual pro coletivo e não coletivo pro individual, que assume essa troca, essa via de mão dupla.

11. Você acredita que a representatividade de pessoas com deficiência pode levar a mais discussões sobre as barreiras impostas pela sociedade no que diz respeito à Inclusão?

12. Qual a relevância desse projeto para você e a sociedade?

Pâmella: Qual a relevância desse projeto para você e a sociedade? Você acha que é um tema muito relevante, um tema que deveria ser mais discutido, como isso afeta você?

Luana: Sim, e eu vou falar. No campo que eu atuo, da arte, porque é o que eu tenho de referência, então trazer o estudo desses corpos como parte de uma...Pelo que eu entendi, você acredita num mesmo do que eu acredito, que a construção social faz parte da identidade que ela comunga para gerar uma identidade, então que esses corpos sejam, não vitrines mas que eles sejam postos a percepção, a observação, ao contato, a troca, a interação, que eles não sejam manequins, mas que eles sejam de fato seres humanos.

Pâmella: Uhum, que não sejam corpos nem, como você falou, de vitrine, nem corpos evitados. São apenas corpos.

Luana: Isso. Porque do mesmo jeito que há um padrão para um corpo perfeito, há um padrão pro corpo deficiente, isso fica claro quando eu entro nos lugares, principalmente na fila de

banco, essas coisas, que a pessoa não percebe que eu tenho aquele direito, geralmente falam assim “você é tão nova, tá pegando essa fila pra que?”. Então como levar esse conhecimento como uma troca, e não uma repetição que não é conhecimento. Você ficar neste termo de não se impor porque é deficiente é propor o diálogo mesmo e não aceitar ser aceito por ser deficiente, entende?

Pergunta da Entrevistada:

Luana: **Você pensa o corpo, esse corpo deficiente...eu já sei que não, mas eu quero ouvir de você, como, ao ser fotografado, gera algum estranhamento ou você quer mais a percepção, o conhecer desse corpo, qual é a sua visão fotográfica?**

Pâmella: Então, a minha proposta é uma questão sobre olhares. Eu vou fazer o livro e ainda vou pedir para que vocês façam alguns auto retratos, porque não é só para “montar como eu vejo”, eu quero que você traga como você se vê. Eu vou trazer a fotografia para mostrar como eu estou vendo vocês, e o livro, para a pessoa de fora ver vocês. Então é sobre ser observada, não ser julgada, é sobre ser vista. É realmente esse o meu questionamento, sobre não vim com...eu não quero ir para observar o corpo de vocês, como funciona, eu quero observar vocês, como mulheres. Mulheres que merecem ser representadas, mulheres que merecem se sentirem vistas, bonitas, porque é uma coisa que não parte...a gente sabe que nem todas as mulheres são bem resolvidas, como você disse antes, recentemente você tá começando a ter essa percepção sobre a sua vivência e é uma coisa que não acontece com muitas, e que muitas passam pela vida sem ter essa percepção. É justamente isso, uma oportunidade de eu perceber, vocês se perceberem, outros perceberem, se sentirem representadas de alguma forma. É muito fácil falar sobre algo, e não trazer a vivência de vocês, de quem tem espaço de fala.

Luana: O que está por trás da imagem. Quero parabenizar pelo empenho e dedicação com a temática, uma pauta super relevante de ser debatida ainda mais de uma forma tão respeitosa que você traz o assunto, considerando o individual que parte para o coletivo, então muito obrigada de ter me encontrado, acredito que cada encontro são oportunidades de criar raízes de estar em algum lugar.

ENTREVISTA TÁLITA

1. Como você se vê representada na sociedade?

Talita: Olha, acredito que várias perguntas vão levar o mesmo lugar, né? A questão da gente vê poucos representantes na sociedade e quando a gente encontra esses representantes, eles estão...normalmente, eles estão muito no lugar de herói, né? De superação...a história de superação. A pessoa com deficiência que mais fez isso, vai muito para o capacitismo. Então assim, até a sociedade, a sociedade até mostra a pessoa com deficiência, mas sempre com aquela visão capacitista “nossa não enxerga, mas faz isso”. Acontece muito isso na sociedade. É nesse lugar de herói que supera todos os obstáculos.

Pâmella: E você se coloca nessa posição também, você se vê representada dessa forma? Você acha que a forma como representa o seu corpo, o corpo com deficiência realmente diz quem é você, é a forma como a mídia, as redes sociais, a televisão, o jornal, as novelas, os filmes realmente dizem quem é você? Você, enquanto corpo com deficiência, você acha que as pessoas representam...a mídia representa esse corpo da forma correta? Uma forma que realmente diz, quem é você?

Talita: Não, porque a mídia, não só a mídia, a sociedade de forma geral, elas focam muito na deficiência e na superação. É aquilo que eu não tenho e aquilo que eu conquistei, mas, tipo, quem é a Talita? Onde você for perguntar, quem é a Talita: “ah a Talita é a menina que não enxerga e que fez isso.” Então assim, eu sou definida dessa forma, é a minha característica. Já criou, isso assim...é em volta da pessoa com deficiência. Ela é uma pessoa com deficiência e conquistou isso, e esquece a pessoa que há naquele corpo.

Pâmella: Essa questão da superação, eu fiz a entrevista com outras mulheres e eu trouxe esse comentário para elas, durante a minha pesquisa eu encontrei uma autora que fala muito sobre essa questão da superação. A imagem que a sociedade constrói do corpo com deficiência, estar sempre superando alguma coisa, superando a deficiência. E ela chama como retóricas visuais, que é mais ou menos a retórica que permeia nossa sociedade. Ela divide essas retóricas em 4, uma sendo a da superação. Uma pessoa “nossa, olha só, apesar do que ela tem, ela consegue fazer isso, e aquilo”, então...

Talita: É o estereótipo do herói, e isso quando não tem o estereótipo de vítima.

Pâmella: Que às vezes é o que as campanhas publicitárias fazem, uma retórica de pena daquela pessoa, da situação daquela pessoa. Então assim, acaba sendo um fator dominante na imagem, que a sociedade constrói...É o preconceito estrutural que as várias mídias continuam trazendo esse preconceito, essas retóricas e as pessoas continuam tendo essa imagem construída sobre a pessoa com deficiência.

Talita: E aí, assim, o que acontece também...e o lado feminino...e o ser mulher, né? O ser mãe? Às vezes as pessoas vêem as mulheres com deficiência de uma forma assexuada, “não pode falar sobre isso, não pode tocar nesse assunto, não pode ter um relacionamento”, as vezes, quando é uma moça, tem uma moça com deficiência grávida, já acha que foi estupro. Então não vê esse lado mulher da pessoa com deficiência.

Pâmella: Sim, as imagens do corpo feminino são estereotipadas, elas são muito objetificadas naturalmente, a mulher é assim pela sociedade, e o corpo da mulher com deficiência é ainda mais. Ele sofre duplamente, por ser mulher e por ser uma mulher com deficiência.

2. Você já passou por alguma situação de desconforto, preconceito ou falta de acessibilidade em espaços físicos? Como foi essa experiência? Como você se sentiu?

Talita: Todo dia. É uma sensação de que eu não sou bem-vinda naquele lugar, que eu estou em segundo plano. Quando vem pensar em acessibilizar um espaço físico é porque surgiu de uma necessidade. E ainda bem, né? Parece que quando surgem as necessidades das pessoas acordam em alguns momentos, porque tem vez que passa despercebido, mas a sociedade, ela, só vem acordar quando a pessoa já está ali. Então os ambientes eles só vem tomar alguma medida de acessibilizar só quando já...quando a pessoa está ali “não tem outro jeito, não há outra forma, a gente vai ter que melhorar isso aqui”, então não pensa antes numa estrutura que possa atender. Qualquer lugar, nos shoppings, por exemplo, eu não consigo ir ao shopping sozinha, eu não consigo ir a um mercado grande sozinha, eu consigo ir ao mercado aqui perto da minha casa, que o pessoal já me conhece desde criança, então eu chego e falo “ai, eu quero um leite”, a pessoa vai lá comigo no leite falar as marcas do leite, os valores, e eu escolho, qual que eu quero. Mas isso seria impossível acredito no mercado grande, então assim, de modo geral, os ambientes, não estão preparados para receber a gente. Os preços das coisas, né? Eu posso ser um pouco egoísta

Pâmella: Não, mas eu estou falando de experiência né, da sua realidade.

Talita: Eu sei da minha realidade, mas eu sei que há outras necessidades. Mas o mundo é predominantemente visual, as informações, o valor das coisas, o peso das coisas todas, todas as informações vem ali expostas nos rótulos e, para gente, não chega essa informação. Então assim, em todos os lugares, a falta de acessibilidade e preconceito, é ,acho que essa falta de convivência, essa falta de se relacionar com uma pessoa com deficiência, você cria uma imagem daquela pessoa de...acontece muito da vítima, né? Igual, eu comecei a trabalhar e muitas pessoas que trabalham comigo, eu trabalho em uma escola, alguns professores, alguns funcionários falam comigo: “ai, tem uma cadeirinha aqui”, às vezes tem pessoas que chegam retirar a minha mochila das minhas costas, ao invés de perguntar: “você quer ajuda, você precisa que eu faça isso para você?”, vai lá e já faz. Então tem esse preconceito de que a gente não consegue fazer antes de permitir que a gente faça, que a gente tente.

Pâmella: Entendi, você passa isso diariamente em vários locais que frequenta, e que às vezes as coisas só acontecem porque tem uma pessoa lá e eles precisam atender essas necessidades. Mas não deveria ser assim, porque nós vivemos uma coletividade, então o acesso tem que ser de todos, é o direito de todos. Então, já teria que ter isso previsto, prevenido antes de ter essa...de vocês passarem esse constrangimento, sabe? Chegar em um local e precisar de ajuda.

Talita: É o que eu falo, a gente está sempre em segundo plano, em último plano.

Pâmella: É, eu conversei com uma das entrevistadas e ela, inclusive, falou que diversas vezes o ônibus deixou de parar, ela perdeu, perdeu o ônibus, não conseguiu ir pro trabalho. E o ônibus só passou a parar depois que ela processou a empresa, então assim, eles não começaram a parar, porque eles viram que “poxa, aquilo lá ta errado!”. É um absurdo isso, porque é o direito dela e o ônibus tem o local para pessoas com deficiência e tal, então deveria ser atendido, não deveria ser atendido porque foi uma obrigação legal deles de ter que fazer aquilo, né? **E como você se sente com essas situações, assim, é... do preconceito, dos olhares, da forma como as te tratam?**

Talita: Aí, muitas vezes eu tento ignorar, sabe? Muitas vezes eu tento mudar o pensamento. Às vezes eu não consigo lidar até, às vezes, gatilhos são ativados. Então às vezes eu sou

interpretada como mal educada, por exemplo, dependendo da pessoa, às vezes a gente sente até o nosso corpo invadido, as pessoas que já chega e já puxa o nosso braço, eu puxo o meu braço de volta, então assim, não é porque eu tenho uma deficiência que você já pode chegar tocando no meu corpo. Isso é uma invasão e às vezes, eu nem sei quem é. Então às vezes eu não aceito, aí isso pode ser interpretado como falta de educação e eu sei que é falta de educação, mas ali um gatilho foi ativado, né? Como por exemplo, eu estou indo por um caminho e normalmente, por exemplo, se eu faço um caminho e eu chego até um caminho para ir para outro. Vamos supor, eu quero ir na parede da esquerda, mas para eu ir para a parede da esquerda, eu preciso chegar na parede da frente para depois eu virar para esquerda. Aí às vezes a pessoa tá vendo que eu tô indo, aí a pessoa grita lá de onde ela tá “não é ai não!”, sabe? Eu sei que não é aqui, mas primeiro eu preciso chegar aqui para depois chegar ali. Então eu me sinto invadida né. E a questão do preconceito, de segundo plano, às vezes a gente se sente um objeto. Eu não estou ali, eu não existo para aquela pessoa, também acontece muito isso, por exemplo, se eu estou em um lugar e, vamos supor, está passando um vídeo. Tá passando um vídeo, e não tem uma audiodescrição. Eu sinto que para eles eu não existo. Eu não faço parte do corpo, do grupo.

Pâmella: Entendi, realmente, essa questão que você falou sobre alguém vim querer te ajudar já tocar no seu braço. É também um fator, principalmente por ser mulher, né? As pessoas se acham no direito, na liberdade de acessar o corpo da mulher, de ter muita intimidade com o corpo da mulher, não tem que ser assim. E no seu caso, é ainda mais agravante, porque é muito perigoso, realmente pode ser qualquer pessoa e a pessoa primeiro tem que comunicar, tem que pedir sua permissão, tem que perguntar se você quer.

Talita: Às vezes é uma pessoa que eu não tenho muito, porque assim, eu sou seletiva. Hoje eu tenho mais coragem para assumir a minha personalidade, antes eu ficava “ai, que não sei o que...”, mas hoje eu já assumi a personalidade. Eu sou uma pessoa seletiva. Então, se for uma pessoa que é minha amiga, se for uma pessoa que tá ali comigo o tempo todo, ou se for uma pessoa que ela me passa uma verdade, eu aceito ser ajudada por ela, mas se for uma pessoa que eu sinto que ela “ai deixa eu correr ali, se não, a cega vai cair”, sabe? Eu não sei! Porque me passa uma verdade, é igual, eu gosto muito de usar a expressão assim, e inclusive alguns dos meus colegas de trabalho já fazem isso, e isso eu falei em uma palestra que eu tive com eles. Eu brinquei e disse assim “ao invés de, se você me vir no caminho, ao invés de falar assim, você quer ajuda? Não! Fala que você quer a minha companhia?”

Pâmella: Interessante, e é muito importante, né? Você traz essa vivência e o que você precisa. Você não precisa de ajuda, você precisa que alguém pergunte se você quer a pessoa lá junto com você.

Talita: Exato.

4. Como você enxerga a deficiência na sua história? Como um fator de identidade? A deficiência é determinante para dizer quem você é?

5. Quem é você? (Defina em poucas palavras). Conte um pouco da sua história se sentir à vontade

Talita: É tão difícil, até eu tenho dificuldade para falar quem é a Talita. Ai, assim eu estou parando para pensar, porque eu já fiz terapia né? E assim, quando eu fui, quando eu procurei um terapeuta, eu estava passando por crises emocionais relacionadas a deficiência, relacionada à falta de oportunidade. Eu tinha acabado de me formar, procurava emprego, não consegui, aquela luta, e aí eu entrei em depressão, tive que procurar um terapeuta, então assim eu fui falar das minhas frustrações como pessoa com deficiência. Ai, hoje, eu começo a pensar assim, “cara, eu tenho um trauma de infância, eu acho que eu tenho um trauma de infância, relacionada a perdas. Eu tive perdas na família, muito forte. Preciso procurar terapeuta para tratar da Talita que tem traumas de perdas, não da Talita com deficiência”. Porque assim, quem sou eu? Então, criou em mim, eu fiquei cega com 3 anos de idade, então eu não me conheço sem deficiência. Então o que eu posso falar de mim?

Pâmella: Me conta um pouco da sua história, se você sentir à vontade, até a parte que você se sentir à vontade e como você enxerga a deficiência nessa sua história

Talita: Você fala história...qual parte?

Pâmella: Sobre você, sobre quem é você, sobre sua história de vida. Como foi, até então, suas narrativas na escola, na faculdade, no seu trabalho, com a família.

Talita: Eu fiquei cega aos 3 anos, eu tive câncer na retina. Com 2 anos eu tive no olho direito e com 3 no esquerdo, então eu tive que retirar os dois globos oculares, eu fiz quimioterapia, e eu fui curada do câncer, e aí a vida continua. Eu sou a sexta filha dos meus pais, meu pai faleceu

quando eu tinha 9 anos. Eu fui criada em um ambiente de classe média baixa. A gente nunca teve muitos privilégios. Eu fui uma criança mimada, manhosa, caçula que tinha a deficiência. Foi muito amada, manhosa, porém eu também fui disciplinada, na hora de corrigir, eu era corrigida também é...eu não fui superprotegida, minha mãe me ensinou a fazer um café, me ensinou a lavar uma louça. Então assim, no ambiente que eu fui criada, tipo assim eu tive meus privilégios por parte dos meus pais, principalmente, mas a minha mãe e minhas irmãs, elas sempre ensinaram a fazer as coisas. E tipo assim, “não vou fazer para você não, não vou tá com você o tempo todo”. Sempre esse discurso e eu acho que foi excelente, acredito que formou muito o meu caráter. Eu sempre estudei, estudei so um ano no ensino comum, não mentira, eu estudei só um ano no ensino especializado e depois eu fui para o ensino comum. A única pessoa cega da escola, da universidade, da faculdade que eu paguei de letras. Eu me graduei em letras em 2017, terminei o meu mestrado ano passado, esse ano comecei a trabalhar numa escola. Eu amo arte, eu gosto muito de cantar, gosto muito de teatro. Sou apaixonada pela arte. Eu não sou muito do rolê, eu sou mais assim em casa.

Pâmella: Você é mais caseira?

Talita: eu acho que eu não diria que sou caseira, mas assim, eu não gosto de ir em bar, eu não vou em baladas, eu gosto de estar com os amigos.

Pâmella: Ah, isso é o mais importante. Independente do local, estar com os amigos é sempre bom.

Talita: eu sou evangélica, adoro fazer compras...

6. Resumidamente, como é seu dia a dia?

Talita: Eu comecei a trabalhar esse ano, então eu acordo muito cedo, já vou para o trabalho, fico o dia inteiro, eu trabalho em uma escola. De manhã eu vou começar a trabalhar com um aluno que tem alta habilidade, a gente tá pensando em um projeto de leitura e escrita, porque ele é criança ainda, então a gente vai começar...mas lá na escola eu comecei mesmo a tarde com um aluno que ele é cego e altista, eu medio relação entre ele e a professora, então a professora vai passar alguma atividade ela fala comigo, como a gente pode adaptar aquela atividade, eu ajudo ele com braile

Pâmella: Legal. Ele é pequeno?

Talita: Ele tem 8 anos. Lá eu não sou professora, não tô no cargo de professora regente, eu sou assistente de apoio.

Pâmella: Muito legal. Na escola tem outras crianças com deficiência?

Talita: Lá tem várias crianças com autismo, TDAH, acho que tem duas crianças cadeirantes se eu não me engano, com baixa visão também tem. Mas só tem ele, e surdo não sei, acho que não tem surdos lá.

Pâmella: Qual é o seu transporte Talita? Você pega ônibus, alguém te leva?

Talita: Ando de uber, ta caro mais...Ai assim, eu vou ter que sacrificar, ou eu sacrifico o meu salário quase todo ou em sacrifício nos ônibus. Só que eu to tentando ver uma possibilidade de uma vez, duas, no máximo na semana ta optando pelo ônibus, pra vê se sobra mais alguma coisa, porque tá complicado.

Pâmella: E sua casa fica muito longe do seu trabalho?

Talita: Fica muito longe. São 16km, em horário de pico...ônibus é complicado também. Tem que pegar 3.

7. Como você percebe a acessibilidade nos espaços físicos? Me fale de forma sucinta como você se sente (ou se vê) nos espaços comuns não acessíveis?

Talita: Olha, tem alguns lugares que a gente já vê avanço, principalmente o piso tátil. Mas o piso tátil é uma preocupação nossa, porque muitas vezes ele é mal planejado. É um piso tátil que a calçada tá quebrada, às vezes é um piso tátil e tem um poste.

Pâmella: É eu já vi muitos, eu falo principalmente, lá onde eu trabalho. Não tem garagem para todos os carros do pessoal da empresa e algumas pessoas foram multadas. Porque os carros estavam em cima da calçada em cima do piso tátil.

Talita: Acontece demais colocar o carro em cima.

Pâmella: Exato, tem o piso tátil...já não deveria estacionar na calçada, não é? Ainda estaciona lá em cima, então assim, não vale de nada se as pessoas não têm essa noção dessa empatia pelo outro.

Talita: Nem sabe o que é. Acho que falta um pouco de conscientização também.

Pâmella: Sim, e logo em seguida depois da empresa, tem um terreno baldio. Então assim, já não tem calçada...um tem calçada, tem o piso tátil mas o pessoal estaciona em cima, aí logo em seguida no próximo terreno é um terreno baldio que não tem nem calçada.

Talita: Mas assim, em muitos lugares a gente aprende. Tem lugar que a gente aprende como que faz. É uma parede, é um degrau que a gente decora ali. Quando eu tava na faculdade eu ia e voltava de ônibus, então “como eu sabia que era a minha casa?”, eu olhava a calçada. Então, eu conhecia a calçada, eu andava um certo tempo aí eu olhava a calçada. Tinha a calçada de terra e a de concreto, e por essa calçada de terra eu achava a de concreto e já logo chegava na minha casa. Mas são essas leituras, que a gente vai aprendendo.

Pâmella: Aham, são associações que você vai fazendo.

Talita: Aham. Ai vamo supor que eu quero ve se ja ta na calçada de pedra, aí alguém grita “não é sua casa ai não!”, "tá bom. Eu sei”.

Pâmella: **E como você se sente nesses espaços que não são acessíveis, nesses lugares que não tem acessibilidade?**

Talita: Olha, a falta de acessibilidade nos espaços ela não me incomoda muito, porque assim, eu vou aprendendo, é uma coisa que eu enfrento. Porque às vezes não tem tanta necessidade eu passar por aquele caminho, então se tem a necessidade eu vou dar um jeito de descobrir a melhor forma, isso não me incomoda tanto. Mas o que me incomoda é a falta de acessibilidade dos veículos de comunicação, a forma como as pessoas nos tratam. Eu vou falar de barreiras atitudinais e barreiras comunicacionais, as barreiras arquitetônicas não me incomodam muito quanto às comunicacionais e atitudinais.

8. Você considera que o seu corpo é aceito nos espaços que você ocupa?

Talita: Não.

9. Você sabe o que é capacitismo? O que você entende por capacitismo na sua experiência? Como você acredita que o capacitismo, e os olhares afetam sua experiência como pessoa com deficiência no mundo?

Talita: Quem é a Talita? Sabe? As pessoas deixam de ver a Talita mulher, a Talita que tem sentimentos, a Talita pessoa, a Talita que sente raiva, que sente alegria. Sempre veem Talita ou como uma heroína ou como vítima. Quem convive vê como heroína, quem não conhece vê como vítima.

Pâmella: E como o capacitismo, e os olhares afetam sua experiência como pessoa?

Talita: Deixa eu pensar. Se a gente não tiver uma boa base emocional, a gente frustra, a gente se decepciona com a sociedade, com a vida, a gente passa a ser uma pessoa anti social, a gente passa a ser uma pessoa arrogante. Isso vai afetar o nosso comportamento.

Pâmella: Às vezes você se mune de algumas atitudes que para as pessoas pode parecer, passa a imagem de ser uma pessoa grossa, uma pessoa hostil. Mas é porque a sua vivência te traz isso, a forma como as pessoas te olham acaba refletindo na forma como você trata elas.

Talita: E às vezes também, a gente faz até algo que está além do nosso alcance, para vê se alguém olha pra gente, para vê se alguém se importa. Acaba que a gente... Eu uso uma expressão na minha dissertação que é assim “ou a gente aceita que é vítima, ou decide ser um herói”...então assim, “eu vou fazer mestrado”, “porque você vai fazer mestrado? Porque você quer estudar, porque você quer ter conhecimento?”, nem só por isso...As pessoas olham pra gente de outra forma. Eu sou uma mestra, não uma pessoa com deficiência.

Pâmella: Como você falou, você não se limita a isso. Você é mulher, você é a Talita, você trabalha, você estuda, você fez mestrado, você tem sonhos, você tem desejos, você namora...

Talita: Namoro não.

Pâmella: Mas quem sabe um dia... Você ama, você se decepciona, você é como qualquer outra pessoa, e os olhares afetam, assim como em qualquer outra pessoa. A forma como as pessoas...na verdade, muito do que a gente é, é uma construção também do olhar do outro. Infelizmente a gente tem isso, e quanto mais estruturado for isso, mais difícil é você se identificar na sociedade. A gente vê muitas meninas que não se encaixam porque elas não estão no padrão de beleza que a sociedade impõe.

10. Você acredita que mais representações e imagens de pessoas com deficiência ocupando o imaginário social poderia ser um elemento de visibilidade para as discussões relativas aos processos de Inclusão e acessibilidade?

Talita: Sim, mas é preciso ter uma conscientização tanto das mídias quanto da própria pessoa com deficiência: “como ela está deixando ser representada?”. Porque... vamos pra dramaturgia, a gente vê um filme, uma novela, aí tem até o personagem com deficiência, mas é aquela pessoa que sonha em não ser deficiente. Que procura o médico, que acha a cura.

Pâmella: Que superou a deficiência.

Talita: É. E não trata a realidade, o dia a dia daquela pessoa. Ou fala assim “vamo atrás de um milagre, de um medico”, acontece muito isso. É igual o que acontece com uma pessoa negra, é claro que assim, só fazendo uma pequena comparação. Sempre que tem um personagem negro ele é pobre, tem preconceito, é claro que isso é real. Mas a mídia, ela até coloca o personagem, mas sempre nesse lugar, sabe?

Pâmella: Aham, é sempre uma retórica ruim, negativa. Não deveria ser assim. E a forma como você colocou, que as pessoas tem que trazer mais a vivência delas, é um fato que a gente percebe muito. Nos filmes por exemplo, em vez de darem espaço para pessoas que realmente têm uma deficiência, eles colocam pessoas para encenar aquilo. Então, cadê a oportunidade, cadê a representatividade?

Talita: Porque o protagonista não é um cadeirante?

Pâmella: E também é o momento de deixar você, a pessoa que tem aquela vivência contar a história, contar a vivência dela. E o que eu busco no meu projeto, eu não quero contar a história de vocês, eu quero que vocês me contem a história, quero ser um ponte. Eu não quero falar o que vocês sentem, eu não quero falar como vocês devem ser representadas. Vocês vão me falar como querem ser representadas, porque a sociedade não faz isso. A sociedade não dá espaço para a pessoa com deficiência, ou pra mulher, ou para qualquer outro grupo de minorias falar como ele quer ser visto. Ele não dá voz para essas pessoas.

Talita: É, acontece muito isso.

11. Você acredita que a representatividade de pessoas com deficiência pode levar a mais discussões sobre as barreiras impostas pela sociedade no que diz respeito à Inclusão?

Talita: Eu acho que romper não, mas ela pode dar um equilíbrio, pode ter avanços. Que não vai ter preconceito, que não vai haver barreiras, não. É utópico isso pra mim, mas avanços podem haver sim.

Pâmella: É, a mudança acontece quando a gente fala.

Talita: Uhum.

Pâmella: Então, o primeiro passo é falar, é verbalizar. À medida que a gente fala, mais pessoas vão se atentando ao conteúdo, ao assunto, as pessoas vão conhecendo. E talvez, o conhecimento pode ser uma chave para a mudança, pode não ser a solução dos problemas, mas pode ser uma evolução daquilo que existe hoje.

Talita: Aham, e nossa voz precisa ser ouvida também, porque a gente até quer falar e ninguém quer ouvir.

12. Qual a relevância desse projeto para você e a sociedade?

Talita: Eu sinto que estou sendo assistida, que tem pessoas que se importam com a minha causa, que tem pessoas que se importam comigo. É o que a gente já vem conversando, a partir dessas atitudes, desses trabalhos que as pessoas vão se atentar “nossa, é verdade, é assim

mesmo. Nossa, é assim que acontece? É assim que funciona? Não sabia.” Precisa ser visto para ser lembrado, precisa ser contado para que as pessoas tenham alguma reação, tomem alguma atitude. E eu me sinto “nossa, alguém pensou em mim, alguém lembrou de mim.”

Pergunta da Entrevistada:

Talita: Porque você quis fazer esse trabalho, o que te motivou?

Pâmella: A princípio eu não tinha certeza do tema. Eu sempre gostei muito dessas questões de identidade, cultura e imagem. Como a gente constrói a nossa imagem, e a princípio eu queria falar sobre o corpo; como existe uma variedade de corpos na sociedade e como tem o corpo padrão, como várias pessoas não se encaixam nesse padrão e porque continua esse estereótipo, já que milhões de pessoas não se encaixam, e também não precisam se encaixar. Não deveria existir um padrão, porque o corpo é uma questão muito grande da identidade da pessoa, isso afeta a construção da identidade de uma pessoa. Eu já vim com esse pensamento de falar algo nesse sentido. Acabou que mais para o final do curso eu peguei uma matéria de libras e acabei me conectado bastante com as propostas, foi então que eu pensei que seria legal a pauta de pessoas com deficiência no meu tcc, me propor a fazer algo fora da minha zona de conforto, fora do meu conhecimento. Nesse meio tempo eu tive a oportunidade de realizar a Iniciação Científica e junto a minha orientadora adentrar nessa discussão, pelo fato dela já ser pesquisadora dessa pauta. Tudo me encaminhou para a escolha do tema, além do desejo de usar o design como instrumento de transformação, mostrar que design não é estética, é se conectar com pessoas reais e suas histórias para desenvolver soluções.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM - LUANA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM - PUC GO

Eu Luana Katielly A. F. Reis
portador da carteira de identidade RG, _____ Órgão Emissor _____
inscrito no CPF _____ nacionalidade Brasileira
estado civil Solteira autorizo o uso de minha imagem por tempo
indeterminado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GO), no material
Corpos encenados: representação de mulheres com deficiência na mídia com
título Trabalho de Conclusão de Curso e nos materiais de
divulgação vinculados ao mesmo, seja em mídia impressa, digital e/ou videográfica.

A presente autorização de uso abrange, exclusivamente, a concessão de uso da
imagem para os fins descritos, qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução,
deverá ser previamente autorizada.

Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima sem
que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Assinatura: Luana Katielly A. F. Reis
Local: Goiania, Goiás Data: 23 | 06 | 22
Responsável pelo material: Pâmella Ribeiro Ignácio
Testemunha: _____



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM - PUC GO

Eu Helaine Cristina da Silva
portador da carteira de identidade RG, _____ Órgão Emissor _____
inscrito no CPF _____ nacionalidade Brasileira
estado civil Casada autorizo o uso de minha imagem por tempo
indeterminado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GO), no material
Corpos encenados: representação de mulheres com deficiência na mídia com
título Trabalho de Conclusão de Curso e nos materiais de
divulgação vinculados ao mesmo, seja em mídia impressa, digital e/ou videográfica.

A presente autorização de uso abrange, exclusivamente, a concessão de uso da
imagem para os fins descritos, qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução,
deverá ser previamente autorizada.

Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima sem
que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Assinatura: Helaine Cristina da Silva

Local: Goiania, Goiás Data: 23 | 06 | 22

Responsável pelo material: Pâmella Ribeiro Ignácio

Testemunha: _____



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM - PUC GO

Eu _____
portador da carteira de identidade RG, _____ Órgão Emissor _____
inscrito no CPF _____ nacionalidade _____ Brasileira
estado civil _____ Solteira autorizo o uso de minha imagem por tempo
indeterminado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GO), no material
_____ Corpos encenados: representação de mulheres com deficiência na mídia _____ com
título _____ Trabalho de Conclusão de Curso _____ e nos materiais de
divulgação vinculados ao mesmo, seja em mídia impressa, digital e/ou videográfica.

A presente autorização de uso abrange, exclusivamente, a concessão de uso da
imagem para os fins descritos, qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução,
deverá ser previamente autorizada.

Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima sem
que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Assinatura: _____

Local: _____ Goiania, Goiás _____ Data: _____ | _____ | _____

Responsável pelo material: _____ Pâmella Ribeiro Ignácio _____

Testemunha: _____



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM - PUC GO

Eu _____
portador da carteira de identidade RG, _____ Órgão Emissor _____
inscrito no CPF _____ nacionalidade _____ Brasileira
estado civil _____ Solteira autorizo o uso de minha imagem por tempo
indeterminado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GO), no material
Corpos encenados: representação de mulheres com deficiência na mídia _____ com
título _____ Trabalho de Conclusão de Curso _____ e nos materiais de
divulgação vinculados ao mesmo, seja em mídia impressa, digital e/ou videográfica.

A presente autorização de uso abrange, exclusivamente, a concessão de uso da
imagem para os fins descritos, qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução,
deverá ser previamente autorizada.

Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima sem
que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Assinatura: _____

Local: _____ Goiania, Goiás _____ Data: _____ | _____ | _____

Responsável pelo material: _____ Pâmella Ribeiro Ignácio _____

Testemunha: _____